

anos tinha tido as pernas esmagadas num atropelamento e desde então andava amparado em muletas "que lhe tinham feito subir os ombros à altura das orelhas. Sua cabeça parecia enterada entre duas montanhas". Vivía da mendicância e quase como um animal, sem lugar certo para dormir, sem hora para comer. Era tratado com desprezo e hostilidade pelos habitantes da região. O narrador informa, logo no início do conto, que o mendigo estava há dois dias sem comer e descreve a forma como era enxotado pelas camponesas, donas das casas onde batia atrás de alimento. Conta também as distâncias enormes que percorria com suas muletas, no frio de dezembro. Até que, extenuado, ele se deixa cair sob uma árvore e, vendo galinhas que se aproximam, atira uma pedra e mata uma delas. Quando, de novo sobre as muletas vai buscar sua caça, sente ele também um golpe forte nas costas. É o proprietário das galinhas que o surpreende, surra-o e o prende. Mais uma noite se passa sem que Cloche, o apelido que ganhara por caminhar balançando-se como um sino, coma qualquer coisa. No dia seguinte chegam os guardas para levá-lo (pelos quais ele nutria um terror atávico). Ele consegue ainda, apesar da exaustão, se arrastar sobre as muletas até a noite, quando chega à prisão. Lá não ocorre aos guardas que ele possa não ter comido e nada lhe oferecem. O mendigo não diz nada, já tendo praticamente perdido, por falta de uso, o domínio da linguagem verbal. No dia seguinte, quando vêm buscá-lo para o interrogatório, encontram-no morto. "Que surpresa!" é a forma irônica com que se encerra o conto.

*Le Vieux* é a história de um casal que espera uma morte com ansiedade. O velho do título é o pai da camponesa, que está nos extertores da morte. Como é preciso cuidar do velório e do enterro, o casal chega à conclusão de que o velho morrerá logo e isso é o ideal, já que não atrapalharia a colheita, pois o enterro cairia num sábado. Convencidos disso, começam a convidar para o velório, afirmando que o velho morrerá. A mulher dedica-se a preparar a recepção, mas eis que os convidados chegam e o velho ainda vive. O casal se desespera, mas ele só morre no fim do dia que seria dedicado ao velório, obrigando à mudança no dia do enterro e a uma nova cerimônia de recepção. O casal lastima o prejuízo.

*L'Aveugle* conta a história de um cego que com a morte dos pais foi recolhido pela irmã. Apesar de sua parte da herança ter ficado com a família dessa irmã, ele sempre foi visto como um estorvo, mal lhe davam de comer e ainda se divertiam às custas de suas limitações, pondo um gato ou cachorro a comer de seu prato ou oferecendo-lhe lixo como alimento. Era a diversão da vizinhança. Noutro momento, o divertimento era desferir golpes aleatoriamente sobre ele, que passou a ter sempre os braços levantados, esperando a violência inexplicada. Mas um dia todos se cansaram até mesmo das brincadeiras e obrigaram-no a mendigar. Ele teve pouco sucesso e isso fez aumentar a raiva do cunhado. Num dia especialmente frio, em que nevava, este levou-o muito longe para sua tarefa diária. O cego, com tamanho volume de neve, não conseguiu localizar o caminho de volta para casa e depois de procurar por horas, exausto, deixou-se cair e foi coberto pela neve. Foi encontrado dias depois, quando um grupo de corvos que se atirava sobre a neve atraiu a atenção. Ele foi encontrado já meio devorado, sem os olhos. A família chegou a chorar sua morte.

Em *Une Famille*, o narrador faz uma visita a um grande amigo que não vê há quinze anos, desde que este casara-se com uma provinciana. Ele se pergunta, ao início do conto, se reencontrará o mesmo homem inteligente e elegante de outrora. Ele o encontra gordo e feliz, com 5 filhos. Além deles e da mulher morava na casa imitando um castelo um senhor de 87 anos, o avô da esposa do amigo. O narrador logo descobre que o velho era a diversão da família nas horas de refeição. A família despertava seu apetite e gula informando antes o que havia para comer, especialmente a sobremesa. Antes, forçavam-no a comer a sopa e depois só lhe davam migalhas da tão esperada sobremesa. E dobravam-se de rir dos esforços do ancião em busca de mais

comida.

## O BOI VELHO

O conto de Simões Lopes Neto, em sua estrutura superficial, apresenta cenas campeiras das mais típicas. São recordações de infância e retratos da vida campeira, mas aqui voltados à família dos proprietários rurais e seus hábitos. Simões nos transporta à estância do Lagoões dos tais Silva, caracterizados perfeitamente como uma oligarquia rural política de ética duvidosa, em apenas uma frase: "sempre metidos em eleições e enredos de qualificações de votantes". Essa família, cheia de crianças e de senhoras-donas funciona como um só personagem, impreciso, mas com função muitíssimo bem definida no conto. Os outros personagens são os bois, Dourado e Cabiúna, estes sim recebendo uma atenção maior do contista, tendo traços mais precisos de comportamento: os bois mansos, que puxam o carretão levando a família para o banho de arroio, adaptados a essa rotina atemporal, que os limita e os define.

O conto é dividido em duas partes distintas: a primeira é a apresentação geral – tempo, personagens, intriga, clima. É o momento da alegria, das idas com carro de boi ao banho, das visitas inesperadas dos bois às "casas" nos dias de sol de inverno, dos afagos das crianças àqueles seres amigos, oferecendo-lhes espigas de milho e abóboras.

A segunda parte é introduzida abruptamente: "Um dia, no fim do verão, o Dourado amanheceu morto, mui inchado e duro: tinha sido picado de cobra." O narrador descreve a reação de Cabiúna: "Cá pra mim o boi velho [...] berrava de saudades do companheiro e chamava-o, como no outro tempo, para pastarem juntos, para beberem juntos, para juntos puxarem o carretão...". É admirável a forma enxuta com que descreve sua decrepitude, a magreza, finalmente a fuga para o mato. É neste mesmo parágrafo que o narrador introduz aquela que talvez seja a informação mais importante do texto, aquela que provocará o desfecho trágico e que dá título ao conto: o boi estava velho. O narrador acrescenta o adjetivo como um simples modificador, mas imediatamente percebe que deve explicar a passagem do tempo ficcional, que não acompanha a velocidade narrativa: "Cá pra mim o boi velho – uê! tinha caraca grossa nas aspas! – o boi velho [...]" e faz isso como se precisasse provar a afirmação a um interlocutor desconfiado.

Na mesma velocidade que usou na primeira, o narrador introduz a segunda reviravolta no conto: "Um dia de sol quente ele apareceu no terreiro". Com extrema habilidade o narrador transmite a atmosfera de alegria que se instaura com a chegada do boi – a criança feliz, os mais velhos, as senhoras, todos para festejar Cabiúna – e, com a mesma habilidade, desenha, já no parágrafo seguinte, a nova atmosfera, a análise fria da situação do boi feita pelos meninos que iam à sanga levados por ele, agora já homens preocupados com os negócios, que não podem admitir o prejuízo de um couro de boi morto de fraqueza atolado numa sanga. Decisão tomada, mate-se o boi, decisão cumprida sem detença. Já se chama o peão com o laço e o boi cabresteia "como um cachorro" – é de se notar aqui a referência, por certo nada casual, ao animal considerado como o melhor amigo do homem. E de imediato, sem deixar tempo aos personagens de refletirem, sem deixar tempo aos leitores de se prepararem para o desfecho, numa atitude corriqueira e evidentemente não-trágica na vida campeira, o peão "puxou da faca e dum golpe enterrou-a até o cabo, no sangradouro do boi manso [...]"

Ocorre que em Simões a tal cena corriqueira adquire um tom trágico. Inicialmente pela frase que segue a narração do ato: "Houve um silencilito em toda aquela gente" e depois pelo acréscimo do patético, que, destoando do contexto, em desacerto absoluto com a simples descrição de cenas e práticas rurais, cria a atmosfera propícia ao desfecho trágico. Cala fundo

vezes esticava a cabeça para o morto e soltava um mujido... Cá p'ra mim o boi velho—nêh ! tinha cara-grossa nas aspas !—o boi velho berrava de saudades do companheiro e chamava-o, como no outro tempo, para pastarem juntos, para beberem juntos, para juntos pucharem o carretão...

— Que vancê pensa !... os animaes se entendem... elles trocam lingua !...

Quando o Cabiúna se chegava mui perto do outro e farejava o cheiro ruim, os urubús abriam-se, num trotão, lambuzados de sangue podre, as vezes meio engasgados, vomitando pedaços de carniça...

Bichos malditos, estes encarvoados !...

Pois, como ficou solito o Cabiúna, tiveram que ver outra junta para o carretão e o boi velho por ali foi ficando. Porem começou a emagrecer... e tal e qual como uma pessoa penarozza, que gosta de estar sozinha, assim o carreteiro ganhou o mato, quem sabe, de penarozo, tambem...

79 Um dia de sol quente elle appareceu no terreiro.

Foi um alvoroço na miuçalha.

— Olha o Cabiúna ! O Cabiúna ! Oôch ! Cabiúna ! oôch !...

E vieram á porta as senhoras donas, já cazadas e mãis de filhos, e que quando eram crianças tantas vezes foram levadas pelo Cabiúna; vieram os moços, já homens, e todos disseram :

— Olha o Cabiúna ! Oôch ! Oôch !...

Então, um notou a magreza do boi; outro achou que sim; outro disse que elle não aguentava o primeiro minuano de maio; e conversa vai, conversa vem, o primeiro, que era mui golpeado, achou que era melhor matar-se aquelle boi, que tinha cara-

ca grossa nas aspas, que não engordava mais e que iria morrer atolado no fundo d'alguma sanga e... lá se ia então um prejuizo certo, no couro perdido...

E ja gritaram a um peão, que trouxesse o laço; e veiu. A' mão no mais o sujeito passou uma volta de meia-cara; o boi cabresteou, como um cachorro...

80 Pertinho estava o carretão, antigo, já meio desconjuntado, com o cabeçalho no ar, descansado sobre o muchacho.

O peão puchou da faca e dum golpe enterrou-a até o cabo, no sangradouro do boi manso; quando retirou a mão, já veiu nella a golfada espumta do sangue do coração...

Houve um silenciozito em toda aquella gente.

O boi velho sentindo-se ferido, doendo o talho, quem sabe si entendeu que aquillo seria um castigo, algum prégaço de picana, mal dado, por não estar ainda arrumado...—pois vancê creia !—: soprando o sangue em borbotões, já meio roncando na respiração, meio cambaleando, o boi velho deu uns passos mais, encostou o corpo ao comprido, no cabeçalho do carretão, e meteu a cabeça, certinho, no logar da canga, entre os dois canzis... e ficou arrumado, esperando que o peão fechasse a brocha e lhe passasse a rejeira na orelha branca...

E ajoelhou... e caiu... e morreu...

10 Os cuscos pegaram a lambar o sangue, por cima dos capins... um alçou a perna e verteu em cima... e enquanto o peão chairava a faca para carnear, um gurizinho, gordote, claro, de cabelos cacheados, que estava comendo uma munhata, chegou-se para o boi morto e metendo-lhe a fatia na boca, batia-lhe na aspa e dizia-lhe na sua lingua de trapos :

no leitor, busca nele a emoção, e produz a catarse e a reflexão. O patético vem da interpretação que dá o narrador à atitude do boi ferido – seria aquilo uma punição, um castigo por ele não estar preparado para sua tarefa ancestral (ler p. 48) – e da descrição da cena final, de um realismo explícito: “[...] soprando o sangue em borbotões, já meio roncando na respiração, meio cambaleando, o boi velho deu uns passos mais, encostou o corpo ao comprido no cabeçalho do carretão, e meteu a cabeça, certinho, no lugar da canga, entre os dois canzís... e ficou arrumado, esperando que o peão fechasse a brocha e lhe passasse a regeira na orelha branca... E ajoelhou... e caiu... e morreu...”. No ápice do desfecho, da tragédia, eis que o realismo segue, na descrição dos cuscos lambendo o sangue do boi morto e na impassibilidade do peão, que segue a sua lida, chairando a faca para carrear. E novamente, contrastando de novo com essa realidade dura do campo, há a figura do menino que se aproxima do boi para dar-lhe na boca a munhata (batata-doce) e que se dirige a ele em sua linguagem infantil, observado pelos adultos silenciosos. E o narrador não se ausenta da palavra final, interpretativa primeiro, supondo-lhes o remorso, e crítica depois, quando traz de volta seu interlocutor no “veja vancê” e na frase com que encerra e julga o caso “... é mesmo bicho mau o homem!”.

Já falei nas similaridades formais entre os dois contistas – na forma de aproximarem o leitor através de sua identificação com o interlocutor quase sempre presente nas narrativas; no uso frequente do conto como ilustração de um assunto de discussão coletiva em Maupassant (como no conto *Le Bonheur*), que lembra o universo dos causos de galpão, no qual circula Blau Nunes. Mas agora podemos falar também da proximidade semântica entre os contos. A exploração, o desprezo dos homens jovens, e social ou economicamente estabelecidos pelos mais velhos ou despossuídos, a maldade resultante da mesquinhez é recorrente em Maupassant, como vimos nos contos citados – *Le Gueux*, *Le Vieux*, *L'Aveugle*, *Une Famille*. Simões utiliza o tema adaptando-o à realidade campeira. O fato de ser um animal a vítima da ganância, da frieza, da insensibilidade humanas não muda nada, já que tanto num autor quanto no outro, a temática não gira em torno da vítima – apesar de ser ela que dá título a todos os contos – mas da atitude do agressor, já que o conto funciona como ilustração de um sentimento humano ou da falta dele.

É evidente, porém, a diferença de tom usada por Simões em relação àquele usado por Maupassant. No contista francês encontramos um cinismo constante, uma descrença no ser humano que o acompanha em toda a sua obra. E o narrador de Maupassant raramente emite julgamentos (a não ser quando usa o caso para ilustrar uma discussão). A busca pelo estilo naturalista-realista puro torna isso desnecessário e por vezes inconveniente. Maupassant quer falar da miséria humana – miséria das vítimas e dos algozes apenas mostrando-a em sua crueza. Digo vítimas e algozes porque estes ocupam espaços similares e poderiam trocar de posição: certamente o velho do conto *Uma Família* a quem se nega comida seria capaz de atitudes similares em sua juventude, é a impressão que se tem, já que a maldade é exposta como um fato social e não individual. Há um desencanto total em seu universo. Já em Simões, pressente-se certa inconformidade, que busca claramente produzir emoção e indignação no leitor – o que é feito através do uso recorrente do patético. O que era puro desencanto em Maupassant torna-se tragédia em Simões. Porque em Simões há esperança no gênero humano. E só nesses casos é possível o advento da tragédia. A esperança e sua não-confirmação. Não se pode esquecer que se trata do mesmo autor de *Trezentas Onças*, conto da grandeza humana e antítese quase perfeita d'*O Boi velho*. Simões acredita no homem; Maupassant não acredita. Maupassant fala ao cérebro, Simões quer falar também ao coração. Afora essas diferenças essenciais, e o fato de o escritor pelotense ter sido também influenciado pelo romantismo, que em sua época vicejava ainda por estas plagas, enquanto que o francês e seu grupo já haviam rompido completamente com essa corrente, os dois têm

muito em comum, o que se procurou provar até agora. E, no caso da temática dos contos aqui analisados, têm em comum especialmente a derradeira constatação de Blau, de que “é mesmo bicho mau o homem!”.

## BIBLIOGRAFIA

DINIZ, Carlos Francisco Sica. *João Simões Lopes Neto, uma biografia*. Porto Alegre/Pelotas: Age editora/UCPel, 2003.

GUIMARÃES, Valéria. “Jornais Franceses no Brasil”. In: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312985067\\_ARQUIVO\\_jornais\\_franceses.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312985067_ARQUIVO_jornais_franceses.pdf)

MAUPASSANT, Guy de. *Contes e nouvelles. Tome I*. Paris: Larousse, “Classiques Larousse”, 1987.

SIMÕES LOPES NETO, João. *Contos Gauchescos*. Porto Alegre: Editora Globo, 1996.

Paula Schild Mascarenhas

—*Tome, tabiuna ! Nó té !... Nô fá bila, tabiúna !...*

E ria-se o inocente, para os grandes, que estavam por ali, calados, os diabos, cá para mim, com remorsos por aquella judiaria com o boi velho, que os havia carregado a todos, tantas vezes, para a alegria do banho e das guabirobas, dos araçás, das pitangas, dos guabijús !...

—Veja vancê, que desgraçados; tão ricos... e por um mixe couro do boi velho !...

Cuê-pucha !... é mesmo bicho máu, o homem !

## CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE: O BELO HORROR EM "CORRER EGUADA", DE JOÃO SIMÕES LOPES NETO.

*Alguém chamou o homem de "animal mau por excelência", por isso todos os demais temem instintivamente à vista dele ou ao seu rastro (Benedito Nunes)*

*Cuê-pucha!... é mesmo bicho mau, o homem! (Blau Nunes in: "O boi velho", de João Simões Lopes Neto)*

1. Se pensarmos na média de nossos alunos, e mesmo nos leitores em geral, é possível que de todos os relatos de *Contos gauchescos*, "Correr eguada" seja aquele que mais apresente dificuldades para a sua leitura. E não só pela conhecida barreira imposta pelo "dialeto" campeiro utilizado pelo narrador, já que isso ocorre em todas as narrativas do livro. É possível que a leitura desse conto torne-se mais difícil porque não se encontra nele nenhum conflito aparente, nenhuma unidade dramática claramente apresentada. Alguma intriga que pudesse satisfazer aquela natural curiosidade, tão presente no leitor não-especializado. Poderíamos chamá-la aqui de uma intriga tradicional ou aristotélica, de teor catártico, seja pela tragédia, seja pela comédia. Como mais de um crítico já apontou, não se trataria no caso de um conto propriamente dito, nem mesmo de uma pequena anedota, tal como a encontramos em "Deve um queijo!" ou "O mate do João Cardoso". Se tivéssemos que classificar "Correr eguada", seria uma espécie de crônica de costumes, entremeada com passagens que são verdadeiros poemas em prosa. Mas trata-se, na verdade, de algo mais complexo, como buscarei demonstrar. Quero encaminhar uma reflexão a partir do fato de que, sob a aparente frugalidade de uma narrativa costumbrista, somos apresentados a uma prática extremamente violenta para com os animais. Prática essa que, ao que tudo indica, fazia parte da vida campeira do narrador Blau Nunes no tempo da sua juventude. Isso ocorria quando nas estâncias ainda não existia o alambrado e os campos eram abertos. O gado vivia solto e sem dono certo, o trabalho confundindo-se, em certos casos como o narrado, com o mais puro divertimento. Disse antes que não encontramos em "Correr eguada" um conflito aparente, mas isso não é bem verdade, os cavalos e as éguas que o digam, já que muitos são levados para uma morte, como destaquei acima, extremamente violenta. Mas ocorre que não é do ponto de vista dos animais que recebemos a narrativa, e isso muda tudo. Seria interessante, sem dúvida, uma reescritura de tal relato pela ótica animal, algo próximo ao que fez Graciliano Ramos na célebre passagem de *Vidas secas*, em que a cachorrinha Baleia praticamente "assume" o foco narrativo, narrando a sua própria morte. Caso Simões Lopes optasse por um recurso semelhante – e não deixa de realizar um pouco isso no "Boi Velho" –, teríamos uma dramaticidade comparável a vários outros contos da coletânea. Mas também outro relato, naturalmente ...

2. Gostaria agora, mesmo que sucintamente, de fazer um balanço da fortuna crítica da narrativa que nos ocupa. Quero pontuar alguns momentos fundamentais da leitura que foi sendo feita de "Correr eguada" ao longo do tempo. A primeira coisa a ser dita é que não tivemos até hoje um estudo, um ensaio que fosse, dedicado exclu-

sivamente a tal conto. Muito menos um livro inteiro, como ocorreu com o "Negro Bonifácio" ou "A Salamanca do Jarau", por exemplo. No seu prefácio à edição crítica da Editora Globo, de 1949, Augusto Meyer deixaria o "Correr eguada" meio na sombra, sendo classificado pelo crítico como um simples "intermédio folclórico", conforme suas próprias palavras, igualando-o a relatos como "Juca Guerra", "Chasque do Imperador" e "Artigos de fé do gaúcho", assim como aos já citados "Deve um queijo" e "O mate do João Cardoso". O crítico considera esses contos, portanto, como fazendo parte de uma extração mais modesta da obra simoniana. Diz Meyer que aqui "a forma literária serve de veículo à fixação de usos, costumes, perfis e ambientes característicos" da campanha. Mesmo assim, faz uma curiosa e também algo contraditória ressalva. Afirma que "a intenção modesta não impede que em "Correr eguada" Simões Lopes tenha atingido um dos momentos mais intensos de sua prosa" (grifo meu). Num texto da mesma época, Lúcia-Miguel Pereira, pelo contrário, irá situar o relato "Correr eguada" entre os mais destacados do autor pelotense. É o único a merecer por parte dela uma longa citação. Mas tanto esse como os outros contos de Simões não recebem nenhuma análise detida. Privilegia no seu estudo, como a maioria dos críticos até então, uma perspectiva panorâmica dos *Contos gauchescos*. Mais para o final da década de 1950, na introdução a uma antologia da obra de Simões Lopes Neto publicada pela Editora Agir, Moysés Vellinho não chega a dar destaque a nenhuma das narrativas. Mas não deixa de ser notável que tenha selecionado para a sua antologia o "Correr eguada". Colocava-o, assim, entre os seis mais representativos dos *Contos gauchescos*. A partir da década de 1960 e, principalmente, ao longo dos anos de 1970, entraria em campo a crítica universitária, que iria impulsionar de forma crescente os estudos simonianos, mas sem que se alterasse em muito a situação do "Correr eguada" até aí. Salvo, talvez, no que diz respeito a uma maior divulgação de dois ou três pequenos trechos desse relato. Na verdade eram apenas algumas frases, recorrentemente citadas. Penso aqui, particularmente, no conhecido bordão: "Não há nada como tomar mate e correr eguada!" Mas há uma exceção a esse relativo silêncio no que diz respeito ao "Correr eguada". Refiro-me às análises um pouco mais detidas que Flávio Loureiro Chaves e Lígia Chiappini fizeram dele, isso já nos anos de 1980. Por concisas que sejam, constituem ainda o melhor ponto de partida para refletir especificamente sobre tal conto. Antes, porém, de dialogar com as duas leituras críticas, gostaria de relembrar o que de mais importante acontece no conto e, na sequência, pontuar algumas questões que me chamaram a atenção na releitura que fiz dele. Façamos então, primeiramente, uma rápida retrospectiva da narrativa. (1)

3. Blau nos fala de um tempo em que o campo era todo aberto, sem alambrados, de forma que ninguém sabia bem a quantidade de bois e vacas que possuía. A eguada chucra andava em suas correrias pelo campo, assustando e dispersando ainda mais o gado. Daí a necessidade de – de tempos em tempos – se "correr eguada", de se fazer "uma limpa naquele bicharedo alçado", ou seja, ver-se livre deles. Blau passa então a relembrar uma dessas corridas, acontecida em terras do major Jordão, que havia convidado toda a vizinhança para tal atividade. Aparecem então no dia marcado cerca de oitenta e tantos guascas, todos domadores e boleadores de fama. Depois dos preparativos, o estancieiro separou vários grupos de três homens, que se espalharam pelo campo. Com cães, gritos e tiros, faziam muito barulho. A cavalhada chucra disparava na correria e, dessa forma, os campeiros iam conduzindo as manadas para um lugar previamente estabelecido, onde elas se misturavam. Era

# Correr eguada

—Si vancê fosse daquelle tempo, eu calava-me, porque não lhe contaria novidade, mas vancê é um guri, perto de mim, que podia ser seu avô... Pois escuite.

Tudo era aberto; as estancias pegavam umas nas outras sem cerca nem tapumes; as divizas de cada uma estavam escritas nos papeis das sesmarias; e lá um que outro estancieiro é que metia marcos de pedra nas linhas, e isso mesmo quando apparecia algum piloto que fosse entendido do officio e viesse bem apadrinhado.

Vancê vê que desse geito ninguem sabia bem o que era seu, de animalada. Marcava-se, assinalava-se o que se podia, de gado, mas mesmo assim, pouco; agora, o que tocava á bagualada, isso era quazi reiúno... pertencia ao campo onde estava pastando. E mesmo nem tinha valor nenhum: egua baguala era só para tirar-se as loncas, alguma bota.

Depois é que appareceram uns *lamões* e uns inglezes, melados, que compravam o cabelo: por isso as vezes se cerdeava; mas elles pagavam uma tuta e meia.

Veja vancê: sempre a estrangeirada especulando couzas de que a gente nem fazia cazo...

Eguada chucra, potrada orelhana, isso, era imundicie, por esses campos de Deus; miles e miles !...

E bieho brabo p'ra se tropear esse !... Barulhento, espantadiço, disparador e lijeiro, como trezentos diabos !

Mas, como *quéra*, era sempre um divertimento macanudo, uma volteada de baguaes !

Ah !...

Não ha nada como tomar mate e correr eguada !

Aí para os meios de Quaraím, nos campos do major Jordão, entrei uma vez numa correria macóta.

Foi logo depois da guerra do Oribe. Havia como dez mil baguaes entre eguas e potros orelhanos, cavalhada largada, reiúna e marcada, que toda virou haragana, nos pajo-naes.

Os gados, que já eram mui ariscos, viviam numa bolandina com as disparadas da bagualada.

P'r'o cazo, diz'que é o Negrinho do Pastoreio que faz as disparadas dos cavalaes... Isso é uma historia comprida...

Um belo dia o major rezolveu fazer uma limpa naquelle bicharedo alçado.

E preparou-se, com tempo.

Desfrutou a novilhada que pôde, no verão, arreglou as suas contas e mandou avizar e convidar o vizindario para correr a bagualada no verãoico de maio, que era para agarrar o bicharedo rachando de gordo e aguachado, pezadão e o tempo mais fresco para a cavalhada de serviço.

Amigo ! Quando foi aos tres dias da lua nova a estancia estava apinhada de gãuchada. Como uns oitenta e tantos torenas, campeiraços destorcidos, domadores e boleadores de fama.

Adelgaçava-se os fletes com agua a meia costela, em qual'quer lagoão, e á sogá; cascos bem aparados, agarradeiras bem cavadas, endurecidas com uma untura de sebo de rim e carvão, aqueitada com a ponta em braza de um tição de goiabeira; cola curta, tozo baixo.

E a gãuchada quazi toda de em pelo. Uns de bombacha, outros de chiripá; muitos sem chapéu, muitos de lenço na cabeça; tudo em mangas de camiza e faca atravessada.

nessa hora que, segundo Blau, a diversão começava. Até aqui o resumo. Vamos agora direto para o conto, em seus parágrafos finais, que caberia transcrever na íntegra, já que esse é o seu momento mais impressionante, e que Lúcia-Miguel Pereira não hesitou em compará-lo com a famosa passagem de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, que ficou conhecida como "O estouro da boiada". Diz Blau:

E daí a pouco já se levantavam os primeiros rumores ... A bagualada estranhava aqueles movimentos; os colhudos começavam a relinchar, ajuntando, pastorejando as manadas; os entropilhados, farejando, entreparavam-se, arpistas; outras pandilhas, de cola alçada, iam num trotão dançado, bufando ... e já cerravam numa correria em redondo e depois riscavam, campo fora ...

Lá adiante, o mesmo barulho; noutra ponto, igual; dum rincão, numa trepada de coxilha, numa descida de canhada, rufando duma restinga, os lotes de eguações iam se encontrando, entreverando-se; os campeiros vinham chegando e a gritos, a cachorro, a tiro, ia-se tocando a bagualada de cada querência; de todos os lados cruzava-se a contradança, que se encaminhava sobre uma linha já combinada; e aos poucos ia crescendo o rodeio movediço, que engrossava, redomoinhava, espirrava, tornava a embolar-se ... e de repente fazia cabeça, fazia ponta, e todo disparava, fazendo tremer a terra, roncando no ar, como uma trovoadas.

Aí a gente entrava a manguear, aos dois lados, e então é que começava, de verdade, o divertimento! Arrematava-se três, quatro, cinco fletes; corria-se sem parar, seis, dez, doze léguas ... e no fim estava-se folheiro...!

Barbaridade! Nem há nada como tomar mate e correr eguada!

Amigo! Aquele novelo não se desmanchava mais; ao contrário, o que ia topando pela frente ou aos lados, de eguada, também corria e atirava-se, incorporando-se; na culatra ia ficando uma estiva de potrilhos, de flacos, de aplastados, dos que rodavam, dos que se quebravam e até dos que morriam pisoteados por aquela massa cerrada de cascos.

E em cancha direita ou fazendo voltas largas, não se respeitava sanga, banhado, tacuru, panela de caranguejo, nem buraco de tuco-tuco; ia-se acamando as macegas, pisoteando cardais, esmigalhando as manchas de trevo, e ia-se sempre a meia-rédea ... (...)

Quando era para limpeza, então tocava-se a eguada sobre um apertado qualquer, sobre uma sanga bem funda, grotas, manantial, sumidouro, e atirava-se aí pra dentro, para destroçar, para acabar, atirava-se aí para dentro toda a bagualada, que, do lance em que vinha, toda se afundava, amontoava, esmagava e morria, sem poder recuar, perdida pela sua própria brabeza, empurrada pelas pechadas dos que vinham, sarapantados, tocados detrás!...

Na sequência Blau irá nos relatar algo realmente chocante, se pensarmos na perspectiva do seu jovem acompanhante, sujeito da cidade. Blau diz assim: "E o

resto que se desguaritava e que se podia apanhar a laço de bolas, esse, *degolava-se*" (grifo meu). E apresenta uma cifra espantosa, dirigindo-se então para o final do conto:

Dessa feita, nos campos do major Jordão matamos pra mais de seis mil baguais.

Hoje ... onde é que se faz disso?

É verdade que há muita cousa boa, isso é verdade ... mas ainda não há nada, como antigamente, tomar mate e correr eguada ...

Xô-mico!... Vancê veja ... eu até choro!...

Ah! Tempo!...

4. Feita a retrospectiva do conto, passo a expor algumas indagações surgidas ao longo dessa minha releitura. Assim como algumas dúvidas que busco expor aqui. Não se trata, portanto, de algo conclusivo, mas de uma tentativa de abrir alguma nova "picada" no que diz respeito à interpretação desse conto. Começo expondo uma perplexidade minha em relação àquele bordão que todos os leitores de Simões conhecem muito bem e que já foi aqui citado, mas que cabe repetir mais uma vez, em função da importância que está sendo dada a ele: "Não há nada como tomar mate e correr eguada!" Ora, não há nada mais pacífico e frugal do que tomar mate, hábito herdado dos chamados povos originários das Américas. Tal hábito foi se constituindo desde há muito tempo como um dos mais autênticos e característicos costumes da região do pampa. É o que ficamos sabendo pela maioria dos relatos de viajantes que percorreram o "país dos gaúchos", como era conhecida essa região. Hoje encontramos tal hábito espalhado por todas as partes, e já não só no campo, mas acredito que em qualquer cidade gaúcha. Pois bem, esse hábito, como disse, tão frugal e pacífico – e doméstico, pode-se acrescentar –, é posto no texto lado a lado com um outro costume, sugerindo uma equivalência entre eles no que diz respeito às lides campeiras. Um outro costume que para nós, habitantes da cidade e tidos por civilizados, só pode ser visto como um costume bárbaro. Façamos algumas contas, com números fornecidos pelo próprio Blau Nunes no decorrer da narrativa. São números supostamente objetivos, isso porque, como em todos os "contos gauchescos", o narrador mantém um pé firme no que se chama de relato realista. Não estamos, portanto, no ambiente das *Lendas do sul*, nem das mentiras deslavadas que encontramos nos *Casos do Romualdo*. No início do "Correr eguada" somos informados de que havia dessa feita cerca de dez mil baguais correndo soltos pelos campos do major Jordão. No final, concluídas as tarefas campeiras, Blau afirma, com todas as letras, que mataram daquela vez para mais de seis mil baguais. Sobraram vivos, portanto, cerca de quatro mil animais. Seis mil foram mortos. Fixemos bem esse número: seis mil! Não se trata de sessenta, nem mesmo de seiscentos, o que já não seria pouco, mas de seis mil cavalares mortos por aqueles oitenta e tantos campeiros que participaram dessa "corrida de éguas". Também ficamos sabendo em outro momento que cada um dos guascas retinha para si próprio "oito cavalos ou mais", que formariam a "tropolhita" de cada um, que é como Blau Nunes a denomina. Se fizermos mais uma conta, o somatório dessas pequenas tropilhas chegaria por alto a cerca de mil cavalos. Os outros três mil animais que não foram mortos seriam aqueles submetidos, como diz Blau, a "um talho de faca, por detrás, na raiz da orelha". Com essa orelha caída pra frente, sem poder enxergar direito, o animal se

O mais maia levava pelo menos dois pares de bolas; tres pares, isso era a rodo, e havia torena que chegava a levar cinco: um na mão, os outros na cintura.

E tudo boleadeiras mui bem feitas, de pedra pequena; porque vancê sabe que o cavalari tem o osso mais quebradiço que a rez—e vai, si toma de mau geito um bolaço pezado, ai no mais já temos um avariado.

Pois é: as tres-marias retovadas a preceito; e as sogas macias, p'ra não cortar; e levava-se tambem uns quantos ligares.

—Vancê não sabe o que é um ligar? Não é só, não sr., o couro de ternejrote p'ra fazer carona: é tambem uma tira de guasca, chita, assim duma meia braça, com um furo dum lado e uma meia ponta do outro. Conforme boleava um animal e elle caia, o campeiro chegava-se e passava-lhe o ligar em cima do garrão e apertava, acochava, á moda velha; hom!... era mesmo como botar uma liga de mulher, com perdão da comparação!

Vancê compr'ende, não!

Ficava o nervo do garrão, arrojado pelo ligar; então o gãucho dezenredava as boleadeiras e assinalava e mal isto, já o bagual se aprumava e levantava-se, bufando, puáva, p'ra rufar... mas qual! saía em tres pernas!... E assim de seguida, em dois, tres, oito ou mais, que cada corredor boleasse; esses não podiam mais disparar, ficavam perneteando no meio do campo!

Então a gurizada, os piás, á rellho, iam entropilhando os ligados, que depois cada dono separava pelo sinal feito.

Era assim, que, conforme ia correndo a eguada, cada gãucho ia boleando o bagual que mais lhe agradava; as vezes safam dois a um mesmo animal: aí, o que primeiro lhe sentava as pedras, era o dono.

Mas tambem, quanto porongo!... Quantas vezes, depois duma canseira, boleava-se e caía um potro lindo, cogotudo e bem lançado, e fa-se ver, era um colmilhudo, com cada dente como uma estaca... velho como o serro do Batoví; ou era um mancarrão de montaria, aporreado e cuerudo... outras vezes ainda... emfim, havia sempre embaçadelas!

Mas, como fa dizendo: quando a gente estava toda a cavallo e pronta, o estancieiro ou o encarregado distribuia os ternos, que espalhavam-se a todos os rumos, sobre as costas e rinconadas, para fazer a tocada de lá desses fundos.

E daí a pouco já se levantavam os primeiros rumores... A bagualada estranhava aquelles movimentos; os colhudos começavam a relinchar, ajuntando, pastorejando as manadas; os entropilhados, farejando, entreparavam-se, harpistas; outras pandilhas, de cola alçada, iam num trotão dançado, bufando... e já cerravam numa correria em redondo e depois riscavam, campo fóra...

Lá adeante, o mesmo barulho; noutro ponto, igual; dum rincão, numa trepada de coxilha, numa decida de canhada, rufando duma restinga, os lotes de eguações iam se encontrando, entreverando-se; os campeiros vinham chegando e a gritos, a cachorro, a tiro, fa-se tocando a bagualada de cada querencia; de todos os lados cruzava-se a contradansa, que se encaminhava sobre uma linha já combinada: e aos poucos fa crescendo o rodeio movediço, que engrossava, redomoinhava, espirrava, tornava a embolar-se... e de repente fazia cabeça, fazia ponta, e todo disparava, fazendo tremer a terra, roncando no ar, como uma trovoadá.

Aí a gente entrava a manguear, aos dois lados, e então é que começava, de verdade, o divertimento! Arrematava-se tres, quatro, cinco fletes; corria-se sem parar, seis, dez,

amansava, e servia para compor uma tropa maior. Que tropa era essa? Quer me parecer que não seria a mesma já referida, ou seja, aquelas formadas por cada um dos campeiros. Blau denomina essas, como já visto, pelo diminutivo – tropilhita –, certamente por ser pequena: digamos uns dez animais cada uma. Aquela tropa maior caberia, portanto, ao que tudo indica, ao proprietário, no caso, o major Jordão. A conclusão é que, assim por alto, os números apresentados no conto mostram-se coerentes. E o que fica de mais importante é aquela extraordinária matança de cerca de seis mil cavalos, nada mais nada menos. Ao final do conto, depois de narrar em detalhes essa verdadeira chacina de animais, Blau Nunes repete para o seu jovem interlocutor o refrão: " ... mas ainda não há nada como, antigamente, tomar mate e correr eguada!" Forçando um pouco, não seria muito diferente se dissesse: "Não há nada como tomar mate e matar eguada!". Mais espantoso ainda é que, nesse exato momento, chegam-lhe lágrimas aos olhos: "Xô-mico! Eu até choro", ele diz. Fica-se imaginando a expressão de rosto que faria nesse momento o jovem interlocutor cidadão, que Blau Nunes chama de "patrãozinho", quando fica sabendo do número de animais mortos naquela "brincadeira", na grande diversão que aquilo tudo foi para o narrador e seus companheiros. E Blau não deixa nenhuma dúvida a respeito: tratava-se de uma grande farra, se cabe a palavra. E eu acho que cabe, perfeitamente. Caberia perguntar agora: por que Blau Nunes chora no final do conto? Ou melhor: por quem chora Blau Nunes? Não fica difícil responder, pelo menos num primeiro momento, que chora por si mesmo. Recorda-se da sua juventude, recorda-se de um Blau na força do homem, aí pelos trinta ou trinta e cinco anos, como reza a tradição. Isso pode ser deduzido porque o seu nascimento se dá por volta de 1820, ou pouco antes, como sabemos pelas informações que nos são trazidas por ele mesmo em outros momentos dos *Contos gauchescos*, e pelo próprio conto em análise tomamos conhecimento de que as ações ocorrem aí por 1852, na época da "guerra de Oribe".

5. Expostas essas primeiras questões surgidas na releitura do "Correr eguada", passemos então a um diálogo com as duas análises do conto antes referidas, ou seja, as de Flávio Loureiro Chaves e Lígia Chiappini. Claro que vou ser obrigado a retirá-las do seu ambiente argumentativo original, o que obviamente poderá desfigurá-las em parte. Como sabemos, o interesse maior de ambos os críticos dizia respeito a uma interpretação, de cunho marcadamente histórico-sociológico, da obra simoniana como um todo. Feita tal ressalva, procuremos, com essas e outras medidas, ensaiar uma abordagem que privilegie o "Correr eguada" em si, sem esquecer de todo, naturalmente, suas vinculações com o resto do livro. Com alguma sorte poderemos abrir uma nova perspectiva para futuras leituras desse conto e, quem sabe, avançarmos no conhecimento, senão da literatura simoniana em geral, pelo menos no que diz respeito ao "Correr eguada". Passemos então a repensar alguns aspectos desse relato tão significativo da obra de Simões Lopes Neto. Creio que foi Flávio Loureiro Chaves o primeiro a chamar a atenção para os *Contos gauchescos* como uma obra que poderia, ou até mesmo deveria, ser vista no seu conjunto, já que todos os contos são narrados por um único personagem, no caso, o campeão Blau Nunes. Pelo menos foi o primeiro crítico que, digamos assim, "tomou a peito" essa tarefa. É verdade que já Raymundo Faoro havia apontado para tal perspectiva num texto pioneiro de 1949. Certamente não por acaso será considerado por Flávio Loureiro Chaves "um ensaio básico para a crítica simoniana", e justamente no momento em que Chaves se propunha a analisar o conto "Correr eguada". Seja como for, será na sua conhecida

tese defendida em 1980 que estabelecerá mais sistematicamente uma cronologia da vida de Blau. Vida que se confunde, em grande medida, com a formação do Rio Grande ao longo de quase todo o século XIX. Baseando-se em várias indicações temporais dispersas no decorrer do livro pelo narrador, o crítico irá configurar, pela primeira vez, uma ordem temporal entre os "contos gauchescos" que estava até então apenas subentendida. Considero essa operação como decisiva na crítica simoniana, com repercussões até hoje, em especial, claro, nas análises de tipo histórico-sociológica. Acrescente-se, ainda, que tal operação crítica contribui, aponta mesmo, para a necessidade de uma investigação que pense de forma vertical o modo como se deu o estabelecimento do capitalismo no campo, no Rio Grande do Sul, tendo como eixo a obra de Simões Lopes Neto. Digo isso porque, a meu ver, essa implantação se deu, como em certas partes da América, de maneira extraordinariamente acelerada. É como se em pouco mais de cem anos ocorresse por aqui o que na Europa levou dois ou três séculos para acontecer. Se isso for verdade, esse processo teria coincidido, basicamente, com o tempo de vida de Blau Nunes. Tal fato, por si só, já indicaria o valor de *Contos gauchescos* não apenas para a literatura do extremo sul do país mas, também, para a sua cultura de maneira bem mais abrangente. Dito isso, vejamos resumidamente como Flávio Loureiro Chaves analisa a narrativa de "Correr eguada". A primeira observação a ser feita é a de que, seguindo a perspectiva de conjunto, por ele reivindicada, o crítico assim inicia sua análise: "Trata-se [aqui] de "Correr eguada" que, na disposição dada aos *Contos gauchescos*, sucede imediatamente à narrativa de "O boi velho" ". A meu ver, essa aproximação indicada é preciosa, já que em ambos os contos – e só aí – estará presente de forma explícita a violência contra os animais, ainda que de perspectivas bastante diversas, a princípio. Lembro que também em ambos os contos será utilizado pelo narrador uma espécie de bordão. No relato "O boi velho", onde Cabiúna, um velho boi que havia servido à família de uma estância por vários anos, é sacrificado para que não se desperdice o seu couro, lê-se na abertura da narrativa: "Cuê-pucha!... é bicho mau, o homem!" Ao final, depois de relatados os acontecimentos que levaram ao sacrifício do boi, de forma mesquinha, na perspectiva de Blau, lemos: "Cuê-pucha!... é mesmo bicho mau, o homem!" (grifo meu). Imediatamente após essa frase, que encerra, como dito, "O boi velho", Blau começa a narrar "Correr eguada", em que novamente animais serão sacrificados. Aí um outro bordão (com variações mínimas) irá aparecer três vezes: "Não há nada como tomar mate e correr eguada". A pergunta que se impõe, a meu ver, é: como podemos ler esse par de contos assim encadeados. E adiante que estamos tocando, digamos, no "nervo" da minha inquirição. Devemos lê-los como antagônicos, como quer Flávio Loureiro Chaves (e também Lígia Chiappini, como se verá), ambos os relatos tratando de distintas violências? Ou como complementares, tratando-se de idêntica violência, um conto, portanto, anunciando o outro? A resposta não é fácil, porque exige considerações de ordem teórica mais sutis, mas que, talvez justamente por isso, permita-nos avançar um pouco mais no entendimento dessa narrativa e, com alguma sorte, na obra simoniana como um todo.

**PARA MAIS DO TEXTO, VIDE PÁGINA 166.**

Cláudio Cruz

doze leguas... e no fim estava-se folheiro !...

Barbaridade ! Nem ha nada como tomar mate e correr eguada !

Amigo ! Aquelle novêlo não se desmanchava mais ; ao contrario, o que ia topando pela frente ou aos lados, de eguada, tambem corria e atirava-se, encorporando-se ; na culatra ia ficando uma estiva de potrilhos, de flacos, de aplastados, dos que rodavam, dos que se quebravam e até dos que morriam pizoteados por aquella massa cerrada de cascos.

Os  
E em cancha direita ou fazendo voltas largas, não se respeitava sanga, banhado, tacurú, panela de carangueije, nem buraco de tuco-tuco ; ia-se acamando as macegas, pizoteando cardaes, esmigalhando as manchas de trevo, e ia-se sempre a meia redea.

Aí é que era o lindo !

Os fletes montados, alevianados, corriam, alçados no freio ; os tiros de bolas cruzavam-se nos ares... e aquillo era largar as tres-marias sobre a paleta do escolhido e o bagual logo rodava, no enleio das sogas.

O gäucho, apeiava, ligava, tirava as boleadeiras e já se bancava de novo p'ra nova nombrada.

Isto quando era por divertir.

Quando era para tropa, o melhor era reiunar os boleados ; isso era lijeiro : com um talho de faca, por detraz, na raiz da orelha, esta caía p'ra deante, sobre o olho ; o sangue tambem ajudava, porque escorria e se empastava nas clinas ; e podia ser potro crú e malevaço, que ali no mais dava o cacho ; podia fazer-se delle sinuelo.

Quando era para limpeza, então tocava-se a eguada sobre um aper-

91  
tado qualquer, sobre uma sanga bem funda, grotta, manantial, sumidouro, e atirava-se aí p'ra dentro, para destroçar, para acabar, atirava-se aí para dentro toda a bagualada, que, do lance em que vinha, toda se afundava, amontoava, esmagava e morria, sem poder recuar, perdida pela sua propria brabeza, empurrada pelas pechadas dos que vinham, sarapantados, tocados de traz !...

E o resto que se deaguaritava e que se podia ainda apanhar a laço e bolas, esse, degolava-se.

Dessa feita, nos campos do major Jordão matamos p'ra mais de seis mil baguaes. E cada gäucho, na despedida, foi tocando por deante a sua tropilhita nova.

Hoje... onde é que se faz disso ?

E' verdade que ha muita couza boa, isso é verdade... mas ainda não ha nada, como antigamente, tomar mate e correr eguada...

Chô-mico !... Vancê veja... eu até choro !...

Ah ! tempo !...

## CHASQUE DO IMPERADOR

Segundo Gastão d'Orleans, o Conde D'Eu, em seus apontamentos sobre o Rio Grande do Sul, o Imperador D. Pedro II esteve na região da fronteira, e hospedou-se na cidade de Pelotas, por duas vezes. A primeira, em 1846, quando visitava diversas cidades gaúchas após o fim da revolta dos farrapos; e a segunda, em 1865, devido à invasão da então Vila de Uruguaiana, quando eclodia a Guerra do Paraguai.

Este conflito – provavelmente o maior conflito armado da América do Sul, envolvendo, de um lado, o Brasil, a Argentina e o Uruguai, e do outro, o Paraguai – foi tematizado pelo maior escritor pelotense de todos os tempos, João Simões Lopes Neto, em seu conto *Chasque do Imperador*, publicado pela primeira vez na edição de 28 de abril de 1912, do *Jornal Diário Popular*.

Segundo o também escritor Aldyr Garcia Schlee, que organizou um vocabulário com os termos do dialeto pampeano utilizados por Simões Lopes em suas obras, chasque quer dizer "mensageiro, emissário [...], que atuou no pampa até o final do séc. XIX – na época, sob a forma predominante de correio a cavalo" (SCHLEE, 2009, p. 44). No referido conto, o tal "chasque" é Blau Nunes, o vaqueano, narrador de *Contos Gauchescos* (1912).

Este conto foi tema da fala do professor Mario Osório Magalhães (1949- 2012), no 5º encontro do Ciclo de palestras em comemoração aos 100 anos dos *Contos Gauchescos*, realizado em 17 de maio de 2012, no Instituto João Simões Lopes Neto. Além de ter publicado diversos títulos sobre as histórias e as tradições da cidade de Pelotas, Magalhães foi também organizador de uma coletânea da obra de Simões Lopes, *Negrinho do Pastoreio e outras histórias*, e autor do ensaio *Simões Lopes Neto e Pelotas: a influência da cidade sobre a obra regionalista do seu maior escritor*.

A relação de Magalhães com este conto, especificamente, sempre foi muito interessante, visto que o mesmo acreditava – e tinha argumentos plausíveis para isto – que em o *Chasque do Imperador*, Simões Lopes fizesse referência a Pelotas. O principal argumento do professor fundamenta-se em uma anedota narrada por Blau sobre um homem que, tendo recebido o Imperador em sua casa, acreditou que devesse tratá-lo "a bicos de rouxinóis e doces e pastéisinhos" (p. 350), razão pela qual lhe ofereceu apenas doces em todas as refeições.

Quem minimamente conhece Pelotas, conhece também a tradição de seus doces artesanais e industrializados, sua fama de Capital Nacional do Doce, portanto, não teria dificuldade em inferir que pudesse ser esta cidade o palco da trama do último episódio descrito por Blau neste conto. No entanto, como destacou o professor em sua fala, o escritor nunca mencionou objetivamente Pelotas nos seus contos e as referências<sup>1</sup> a sua cidade natal (se de fato existem) aparecem de forma indireta e circunstancial.

Magalhães lembrou também que é bem mais provável que o espaço e os tipos que vieram a inspirar a criação de seus ambientes e personagens fossem advindos de suas memórias de menino, na Charqueada da Graça, zona rural de

Pelotas, e de adolescente, quando visitava a Estância São Sebastião, em Uruguaiana, ambas de propriedade do avô João Simões Lopes, o Visconde da Graça, e administradas pelo pai, Catão Bonifácio Simões Lopes.

O professor comentou que sua hipótese seria a de que Pelotas teve uma influência fundamental sobre a obra de Simões Lopes por dois principais fatores: primeiro, por seu contexto sociocultural à época<sup>2</sup>, o qual oferecia as condições propícias para o estímulo de sua vocação de escritor, ou seja, possibilitaram a formação de um sujeito leitor, culto, com uma habilidade especial para ver e representar a realidade e a história do povo simples da campanha. O segundo, pelo contexto histórico e econômico da cidade, que lhe levaram a optar pela temática regional.

Mas vamos ao conto.

Observando a estratégia narrativa de Simões, podemos perceber que, após ler o primeiro parágrafo, sinalizado com um travessão como fala do narrador, já temos um resumo do enredo. Blau não faz nenhum suspense. Pelo contrário, nos adianta as informações principais – que devido ao cerco de Uruguaiana, o Imperador vem ao sul e é o próprio Blau que ocupa a função de seu chasque. A partir deste trecho, já reconhecemos a voz do narrador e percebemos que ele será um dos personagens; ficamos sabendo também que fazem parte da história D. Pedro II e sua comitiva. Pela referência explícita ao cerco de Uruguaiana, que ocorreu em 1865, e pelo conjunto da obra, sabemos que esta história tem como palco a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

Com o início da narrativa propriamente dita, outros personagens, como Caxias – à época, ainda Marques de Caxias – vão sendo apresentados, alguns ainda na parte em que Blau Nunes descreve as circunstâncias através das quais foi escolhido como chasque do Imperador; outros, a partir dos cinco episódios que diz ter presenciado no cumprimento de sua função, estes, introduzidos pela frase "E a bem boas assistí" (p. 347).

Esta expressão funciona como uma "deixa" para iniciar a descrição de pequeninas narrativas dentro da narrativa; circunstâncias que beiram à comicidade; diversas, mas com uma característica comum: em todas elas há um elemento que ressalta o distanciamento cultural entre o Imperador e o povo em meio ao qual este se encontrava. O próprio Imperador, em uma ocasião, declara: "Como é agradável esta rudeza tão franca!" (p. 349).

Se por um lado a generosidade é retratada como característica comum a todos – vê-se no imperador, que fica de bolsos vazios por dar como esmola tudo o que trazia consigo; na velha senhora, que lhe traz um fiambre como presente e não se importa em entregar todos os seus como sacrifício pela vitória do Imperador; ou nos próprios homens, que ofereciam com prazer sua hospitalidade, colocavam-se a serviço e estavam dispostos a entregar o que fosse preciso pela causa que abraçavam. Por outro lado, as narrativas revelam a oposição entre a rudeza franca do povo gaúcho e a civilidade do homem da corte, em especial, do Imperador.

A descrição de D. Pedro é construída de modo interessante. Blau, ao conhecê-lo confessa: "Eu pensava que o Imperador era um homem diferente dos outros... assim todo de ouro, todo de brilhantes, com olhos de pedras finas..." (p. 348). Do mesmo modo, no último dos pequenos causos narrados, um

# Chasque do Imperador

— Quando foi do cerco de Uruguaiana pelos paraguaios em 65 e o imperador Pedro 2º veio cá, com toda a frota da sua comitiva, andei muito por esses meios, como vaqueano, como chasque, como confiança delle; era eu que ensilhava-lhe o cavallo, que dormia atravessado na porta do quarto delle, que carregava os papeis delle e as armas delle.

Começou assim: fui escalado para o esquadrão que devia escoltar aquelle estadão todo.

Quando a força apresentou-se ao seu general Caxias, o velho olhou... olhou... e não disse nada.

94 Cada um, firme como um tarumã; as guascas, das melhores, as garras, bem postas, os metaes, reluzindo; os fletes tozados a preceito, a cascaria aparada... e em cima de tudo,—tirante eu—uma indiada macanuda, capaz de bolear a perna e descascar o facho até p'ra Cristo, salvo seja !...

Pois o velho olhou... olhou... e ficou calado. E calado saiu.

O tenente que nos comandava, relanceou os olhos como numa sufocação e berrou:

— Firme! E dando um torcicão forte na banda, começou a mascar a p'ra, furioso.

E ali ficamos; de vez enquanto um bagual escarceando, refohando, escarvando...

Daf a pouco, de enfrente, das cazas, veio saindo uma gentama, muito em ordem, de a dois, de a tres.

Na testa vinha um homem alto, barbudo, ruivo, de olhos azues, pequenos, mas mui macios. A esquerda delle, dois passos menos, como na or-

denança, o velho Caxias, fardado e firme, como sempre.

O outro, o ruivo, assim a modo um gringo, vinha todo de preto, com um gabão de pano piloto, com veludo na gola e de botas russilhonas, sem esporas.

Pela pinta devia ser mui maturrango.

95 Não trazia espada nem nada, mas devia ser um maioral porque todos os outros se apequenavam p'ra elle. Quem seria?...

O tenente descarregou umas quantas vozes; e nós estávamos como corda de viola !...

O ruivo passou pela nossa frente, de vagar; mirou um flanco e outro, e falou com o velho, mostrando um ar rizonho no rosto serio.

O velho acenou ao tenente, que tocou o cavallo e firmou a espada em continencia.

Então o ruivo disse:

— Stá bem, snr. tenente; estou satisfeito! Mando-me aqui um dos seus homens, qualquer...

O tenente bateu a espada e deu de redea, e parou mesmo na minha frente... eu era guia da fila testa.

— Cabo Blau Nunes! Pé em terra! Um !... Dois !...

Estava apeiado e perfilado, com a mão batendo na aba levantada do meu chapéu de voluntario.

— Apresente-se !

E baixinho, fuzilando nos olhos, boquejou-me: — aquelle é o imperador; si te enredas nas quartas, defumo-te !

96 Ora !... Caminhei firme e quando cheguei a cinco passos do ruivo, tornei a quadrar o corpo, na postura dos mandamentos.

Aí o velho Caxias perguntou:

— Sabes a quem falas ?

— Diz' que ao senhor imperador !

— Sua majestade o imperador, é que se diz.

— A sua majestade o imperador !

Vai então, o tal, que pelo visto, era mesmo o tão falado imperador, disse, numa vozinha fina:

"fulano, sujeito pesado, porém mui gauchão" (p. 349) vai exclamar: "– Quê! Pois vossa majestade come carne?! Disse-ram-me que as pessoas reais só se tratavam a bicos de rouxinóis e doces e pasteizinhos!..." (p. 350).

Ainda outro personagem, um barão, ao fazer referência à diferença dos homens da campanha para os da corte, afirma: "– Que vossa majestade está pensando?... Tudo isto é indiada coronilha, criada a apoio, churrasco e mate amargo... Não é como essa cuscada lá da Corte, que só bebe água e lambe a... barriga!..." (p. 348).

Essas imagens construídas pelo escritor ao referir-se ao Imperador, possivelmente, busquem dar conta do que este compreendia ser o imaginário que o povo gaúcho compartilhava sobre a figura de D. Pedro e de como havia sido a vida na corte.

Mesmo afastado algumas décadas desta realidade, Simões Lopes viveu por sete ou oito anos – de 1877/8 a 1884 – em um Rio de Janeiro que se modernizava rapidamente, com uma efervescência cultural que não se comparava a de seu universo de origem. Provavelmente, deva ter presenciado ainda vestígios do que outrora fora a sede da corte brasileira em seu período de mais elevado glamour. Do mesmo modo, o tempo de produção desta narrativa distancia-se aproximadamente quarenta anos do tempo no qual ocorrem os fatos narrados, qual seja, 1865, mas, certamente, muitas histórias ainda circulavam nas rodas de conversa, na tradição oral de seu povo.

Assim, se por um lado Simões destaca este conflito, por outro ele estabelece uma condição propícia à desconstrução deste pré-conceito. É como se nos alertasse: se os achamos muito "maricas", eles também nos acham muito rudes e, desta forma, coloca, nas palavras de Blau, a conclusão: "era um homem de carne e osso, igual aos outros... mas como queira... uma cara tão séria... e um jeito ao mesmo tempo tão sereno e tão mandador, que deixava um qualquer de rédea no chão!... Isso é que era!..." (p. 348). Deste modo, destacando sua capacidade de liderança, sua firmeza e sua seriedade, temos legitimada a imagem de um Imperador cordial e sensível. E, mais do que isso, temos legitimada a imagem de um Imperador amado e respeitado pelo povo gaúcho.

Ao se propor a dialogar com a História, como faz, o autor não podia desconsiderar a importância de D. Pedro II para aquele momento. Sabe-se que a chegada do Imperador na região foi crucial. Após a tomada da então Vila de Uruguaiana pelos paraguaios, a presença do Imperador foi um elemento impulsionador das tropas, que se reorganizaram e reagiram, revertendo à situação.

Mas vale, neste íterim, observar a relação estabelecida entre a Província de São Pedro e o Império, visto que há duas décadas, alguns destes mesmos homens haviam lutado contra os soldados imperiais, os caramurus, em defesa da República Rio-Grandense, e perderam, de modo que, em 1845, a então República reintegrou-se ao Império a partir de um acordo, o Tratado de Ponche Verde.

Em dois momentos do conto temos referências que indicam a posição ideológica assumida na narrativa com relação ao primeiro conflito: quando Blau fala a Caxias que já o conhecia desde 1845, "no Ponche Verde; fui eu que uma madrugada levei a vossa excelência um ofício reservado,

pra sua mão própria... e tive que lanhar uns quantos baianos abelhudos que entenderam de me tomar o papel..." (p. 347). E também, quando a velha que visita o acampamento, ao dirigir-se a Caxias, comenta: "O meu defunto, em vida dele, sempre falava em vancê... Pois os caramurus iam fuzilar o coitado, quando vancê apareceu... Lembra-se?... E vai, quando o seu general Canabarro fez a paz entre os farrapos e os legais, o meu defunto jurou que onde estivesse o seu Caxias, ele havia de ir..." (p. 349).

Assim, após perderem uma guerra e não verem respeitadas as cláusulas do tratado que estabeleceu a paz, os gaúchos mantiveram-se fiéis e servis ao Imperador. Segundo o Tratado, os farrapos poderiam escolher seu presidente provincial, teriam ressarcidas integralmente as dívidas de guerra contraídas pela província e todos os escravos que lutaram pelo exército farroupilha seriam libertados. Historicamente, sabe-se que tudo foi muito diferente, porém vinte anos depois, a paz parecia estar estabelecida e, no mundo ficcional de Simões Lopes Neto, o grande Blau, o vaqueano, configuração simoniana da bravura gaúcha, está prostrado aos pés deste Imperador, com uma lealdade que lhe faria "capaz de bolear a perna e descascar o facão até pra Cristo" (p. 345).

Simbolicamente, temos a personificação da rusticidade, da coragem, da virilidade do homem do campo apequando-se diante de D. Pedro. Lopes Neto parece ter recorrido às anedotas para apontar todo um universo significativo que se encontra por traz da simples narrativa de um vaqueano que é escolhido como chasque do Imperador.

Entre as pequenas narrativas, é possível reconhecer uma linearidade marcada pelo deslocamento de D. Pedro e suas tropas em direção a Uruguaiana, caminho no qual viria a se deparar com personagens que também representarão aspectos significativos do povo gaúcho.

Quando fala do sujeito, muito ingênuo e sincero, que ao questionar se o Imperador estava gostando do local e tendo uma resposta positiva o convida para mudar com a família, temos a primeira face revelada: a simplicidade e a inocência deste homem campeiro. Ao falar do outro, que prepara o fumo de modo grosseiro e o oferece ao imperador, temos reforçada a imagem de um sujeito sem "frescuras", sem trato, que não é familiarizado aos costumes finos e educados da corte.

Na conversa com o barão, temos exposta a valorização dos costumes locais, do que é próprio do sul, quando o mesmo destaca a determinação e a força de seu regimento e afirma que os mesmos foram criados "a apoio, churrasco e mate amargo..." (p. 348) e mais adiante, critica a generosidade do Imperador – "olhe que quem dá o que tem, a pedir vem" (p. 348) –, mas o faz estendendo ao outro a própria guaiaca e oferecendo o que é seu.

No episódio da velha que visita o acampamento, temos representada a mulher gaúcha deste período, que já acostumada a viver entre guerras, resigna-se a ver partir – e muitas das vezes não mais voltar – ao pai, ao marido, aos filhos e netos. Simões Lopes constrói uma personagem firme e crua, capaz de gentilezas, mas ao mesmo tempo, desapegada de sentimentalidades.

Por último, nos deparamos com um sujeito de peso na sociedade local, provavelmente, um homem de posses, mas tão distante da realidade cultural metropolitana, que tentan-

—Bem; cabo, você vai ficar na minha companhia; ha de ser o meu ordenança de confiança. Quer ?...

—O senhor imperador vai ficar mal servido : sou um gäucho mui crú; mas para cumprir ordens e dar o pelego, tão bom haverá, melhor que eu, não !

Aí o homem riu-se e o velho também. E vai este indagou :

—Conheces-me ?

—Como não ?!... Desde 45, no Ponche-Verde; fui eu que uma madrugada levei a vossa excellencia um officio rezervado, p'ra sua mão propria... e tive que lanhar uns quantos baianos abelhudos que entenderam de me tomar o papel...

Vossa excellencia mandou-me dormir e comer na sua barraca, e no outro dia me regalou um picaço grande, mui lindo, que...

—Bem me parecia, sim...

E ainda és o mesmo homem ?

—Sim, sr., com algum osso mais duro e o juizo mais tironeado !

—E' que sua majestade vae precizar de um chasque provado, seguro... ha perigo, na missão...

—Uêh ! seu general !... Meu pai e minha mãe hoje, é esta !

E beijei a minha diviza de cabo.

O imperador poz a mão no meu hombro e disse :

—Estimo-te. Podes ir... e cala-te

E vancê creia... —que diabo !— tive um estremeção por dentro !...

Eu pensava que o imperador era um homem diferente dos outros... assim todo de ouro, todo de brilhante, com olhos de pedras finas...

Mas, não senhor, era um homem de carne e osso, igual aos outros... mas como *quéra*... uma cara tão seria... e um geito ao mesmo tempo tão sereno e tão mandador, que deixava um qualquer de redea no chão!...

Isso é que era !...

Fiz meia volta e fui tomar o meu lugar; o esquadrão desfilou, aprezen-

tando armas e fomos acampar. Logo a rapaziada crivou-me de perguntas... mas eu, soldado velho, contei um par de rodelas, queimei campo á boche, mas não afrouxei nada da conversa; não vê !...

De tardezita já entrava de serviço.

A não ser nas conversas particulares daquelles graúdos— pois tudo era só seu barão, seu conselheiro, seu visconde, seu ministro —, eu sempre via e ouvia o que se passava.

E á bem boas assisti.

Um dia apresentaram ao imperador um topetudo não sei donde, que perguntou, mui concho :

— Então vossa majestade tem gostado disto por aqui ?

— Sim, sim, muito !

— Então porque não se muda p'ra cá, com a familia ?...

Outro, no meio da roda, puchou da traíra, sovou uma palha de palmo, e começou a picar um naco; esfregou o fumo na cova da mão, enrolou, fechou o baio e mui senhor de si ofereceu-o ao imperador.

— E' servido ?

— Não, obrigado ; parece-me forte o seu fumo...

— Não sabe o que perde !...

Então, com sua licença !...

E bateu o isqueiro e começou a pitar, tirando cada tragada que nuveava o ar !

Havia um que era barão e comandava um rejimento, que era mesmo uma flor ; tudo moçada parelha e guapa.

O imperador gabou muito a força, e aí no mais o barão já lhe largou esta agachada :

— Que vossa majestade está pensando ?... Tudo isto é indiada coronilha, criada a apoio, churrasco e mate amargo... Não é como essa cuscada lá da Córte, que só bebe agua e lamba a... barriga !...

do agradar ao Imperador, enquanto o hospeda, oferece-lhe apenas doces como alimento. Com a construção deste personagem, Simões Lopes parece ridicularizar um tipo social, que embora consiga fazer-se poderoso por sua condição econômica, não é capaz de integrar-se a uma elite refinada e culta.

Retomando as questões históricas com as quais este conto dialoga, vale, mais uma vez, consultar os registros presentes no diário de viagem do Conde D'Eu, mesmo estes tendo sido publicados em 1920, ou seja, após a publicação dos **Contos Gauchescos** (1912).

Nos apontamentos do Conde, que fez diversas referências às condições gastronômicas da viagem, destacando o tipo de alimento, assim como a qualidade e a maneira como era servido em praticamente todos os locais por onde passaram e/ou foram hospedados, não consta nenhuma alusão a doces servidos em Pelotas. As escassas referências a doces registradas em seu diário de viagem referem-se a outras cidades.

A viagem, que iniciou em Rio Grande – a entrada do Imperador, assim como da maior parte do grupo que o acompanhava se deu pelo porto de Rio Grande –, teve sequência por Pelotas, Porto Alegre, Rio Pardo, Cachoeira, Caçapava, São Gabriel, Alegrete, Uruguaiana, Itaqui, São Borja, Livramento, Bagé e Jaguarão.

Ao hospedaram-se na “estância de um major da Guarda Nacional chamado Meneses” (D'EU, 1920, p. 62), situada em algum ponto entre Cachoeira e Caçapava, O Conde D'Eu comenta que este lhe ofereceu “primeiro chá ou café” e “[d]epois de mil desculpas de não saber, por ser um campônês, receber condignamente ‘pessoas imperiais’, acabou por nos dar um excelente jantar. Houve sobretudo um prato de fios de ovos que os espanhóis chamam ‘huevos hilados’ com canela! ‘una cosa riquísima’, segundo outra expressão espanhola” (D'EU, 1920, p. 62).

Provavelmente, já no território de São Gabriel, o Conde registra que, após passar por momentos de restrição alimentar devido ao mau tempo, chegaram a um local onde comeram churrasco e sobremesa, descrita por ele como “de inesperado esplendor” e continua: “em primeiro lugar um correio chegado de Caçapava traz ao Dr. Meirelles uma caixa de merengues; diz-se, gracejando, que é presente das senhoras de Caçapava; depois, pouco a pouco, descobre-se uma caixa de goiabada e outra de marmelada; por fim o coronel Pacheco apresenta café, que vem fazer agradável diversão ao perpétuo sorver do mate” (D'EU, 1920, p. 81).

E ainda temos uma última menção a doces, também em São Gabriel, quando se hospedaram na casa de “dona Emerenciana Borges Fortes, mãe do Dr. Continentino, um dos médicos do imperador” (D'EU, 1920, p. 108). Sobre esta, o Conde comenta: “É uma senhora de idade; vive ali com uma filha e o marido, e filhos desta. Deu-nos hospitalidade e um jantar esplêndido, notável sobretudo pela abundância dos doces” (D'EU, 1920, p. 108).

Gastão d'Orleans dedicou a Pelotas – pela qual demonstrava um apreço significativo – oito páginas seguidas de seu diário. Nestas, comenta que a cidade tinha um clima muito agradável, uma geografia privilegiada, uma localização estratégica e uma arquitetura primorosa. O Conde afirma que, “[d]epois de se ter percorrido duas vezes em toda a sua

largura a província do Rio Grande do Sul; depois de se ter estado em suas pretensas cidades e vilas, Pelotas aparece aos olhos encantados do viajante como uma bela e próspera cidade” (D'EU, 1920, p. 212). Destaca o Teatro Sete de Abril, a hospitalidade, as instituições de caridade e as charqueadas que visitou na companhia de seu anfitrião, o Barão de Piratini, menciona também a beleza dos arredores e afirma que em sua opinião, Pelotas deveria ser a capital da Província.

O Conde chega a falar da indústria pelotense, que estava em pleno desenvolvimento, destacando que existiam duas: “a dos couros lavrados, cinzelados, coloridos, bordados de mil maneiras, e a das peças de prata, não menos artisticamente trabalhadas” (D'EU, 1920, p. 212). Todavia, nenhuma menção a qualquer tipo de doce. Isto se dá, pois em 1865, os doces ainda não eram um elemento significativo da cultura local, eram tão somente um recurso refinado recorrente em momentos festivos da elite.

Produzia-se artesanalmente e comia-se doces em Pelotas, porque existia na cidade um grupo que valorizava os costumes europeus, porque a mesma é herdeira da cultura portuguesa e sofria forte influência, na época, das culturas francesa e espanhola. Os ricos pelotenses trocavam açúcar por charque com outros estados, do mesmo modo que os ricos das demais localidades da província o trocavam por suas matérias primas.

Os doces só passam a ocupar um espaço de destaque com o declínio do ciclo do charque, quando a economia entra em crise e as senhoras e moças das famílias abastadas precisam envolver-se nas questões econômicas.

Com a chegada da energia elétrica e o fim das guerras, o charque perde sua importância no mercado e a cidade precisa se reinventar para sobreviver, iniciando-se aí o ciclo da indústria, em especial, dos doces que se especificaram em os mais finos (artesanais) e os da colônia, produzidos a partir de frutas e das receitas advindas de outras matrizes culturais, como a dos negros, por exemplo.

É muito provável que a família Ribas tenha oferecido doces na recepção de D. Pedro II, momento no qual o Conde D'Eu não estava presente, pois se juntou mais tarde a comitiva, mas de todo modo, estes não mereceram um maior destaque na História.

Além disso, se Simões Lopes tivesse de algum modo tido acesso aos escritos do Conde D'Eu antes de sua publicação, ou se as histórias narradas pelo mesmo fizessem parte do conjunto de histórias compartilhadas nas rodas de conversa, seria pouco provável que o sujeito a inspirar o personagem que enfara de doces o Imperador fosse o senhor João Francisco Vieira Braga, na época, o Barão de Piratini, ou algum de seus sobrinhos da família Ribas, os quais os hospedaram na ida e na volta de Uruguaiana.

Esta família que recebeu o imperador – ricos proprietários de terra, membros de uma elite em ascensão, tendo, alguns deles, contato inclusive com a cultura europeia – não cometeria o erro crasso de pensar que pessoas da corte só comiam doces.

Se houvesse de fato um sujeito no qual Simões se inspirou para criar o tal fulano, teríamos mais indícios de que fosse o major da Guarda Nacional Meneses, que oferece aos convi-

Este mesmo barão, duma feita que o d. Pedro procurou no bolso umas balastracas para dar uma esmola e não achou mais nada, dezafivelou a guaiaca e entregando-a disse:

— Tome, senhor! Cruzes!

Nunca vi homem mais mão aberta do que vossa majestade... olhe que quem dá o que tem, a pedir vem... mas... quando quizer os meus

100 arreios prateados... e até a minha tropilha é só mandar... só rezervo o tostado crespo e um qualquer pelego...

— Mas, sr. barão, nem por isso eu dou o que dezejara...

— Ora qual!... Vossa majestade não dá a camiza... porque não tem tempo de tiral-a!...

Numa das marchas paramos num campestre, na beirada dum passo, perto dum ranchito.

Daf a pouco, com uma trouxinha na mão appareceu no acampamento uma velha, que já tinha os olhos como retôvo de bola. Por ali andou mirando, e depois, entrando mesmo no grupo onde elle estava, disse:

— Bom dia, moços! Qual de vossês é o imperador?

— Sou eu, dona! Assente-se.

A velha olhou-o de alto abaixo, calada, e depois rindo nos olhos:

— Deus te abençõe! Nossa Senhora te acompanhe, meu filho! Eu tragote este bocadinho de fiambre!

E abrindo o pano, mui limpinho, mostrou um requeijão, que pela côr devia de estar um gambelo, de gordo e macio. D. Pedro agradeceu e quiz dar uma mota á velha, que parou a patrulha.

101 — Não! não!... Tu vais p'ra guerra... Os meus filhos e netos já lá andam... Eu só quero que vosses não se deixem tundar!...

Houve uma rizada grande, da comitiva. A velhota ainda correu os olhos em roda e indagou.

— Diz'que o seu Caxias tambem vem aqui... quem é?

— Sou eu, patricia!... Conhece-me?

— Do nome, sim, senhor. O meu defunto, em vida d'elle, sempre falava em vancê... Pois os caramurús iam fuzilar o coitado, quando vancê appareceu... Lembra-se?... E vai, quando o seu general Canabarro fez a paz entre os farrapos e os legaes, o meu defunto jurou que onde estivesse o seu Caxias, elle havia de ir... mas morreu, p'ro via dum inchume, que appareceu, aqui, lá nelle. Mas, como por aqui correu que vancê ia p'ra guerra dos paraguaios, o meu filho mais velho, em memoria do pai, ajuntou os irmãos e os sobrinhos e uns quantos vizinhos e se tocaram todos, p'ra se apresentarem de voluntarios, a vancê!...

Vancê dê notícias minhas e bote a benção nelles; e diga a elles que

102 não deixem o imperador perder a guerra... ainda que nenhum d'elles nunca mais me appareça!... Bem! com sua licença... Seu imperador, na volta, venha pouzar no rancho da nhã Tucea; é de gente pobre, mas tudo é limpo, com a graça de Deus... e sempre ha de haver uma terneira gorda p'ra um cost lhar!...

Passar bem! Boa viagem... Deus os leve, Deus os traga!...

O imperador — esse era meio maricas, era! — abraçou a velha, prometendo voltar, por ali, e quando ella saiu, disse:

dados um "prato de fios de ovos" e pede "desculpas de não saber, por ser um camponês, receber condignamente 'pessoas imperiais'" (D'EU, 1920, p. 62).

Deste modo, conclui-se que o caso dos doces não se trata da representação de um fato histórico e nem que seja de fato uma referência a cidade de Pelotas – embora possa de fato ser... – mas que simboliza, sim, mas uma das características construídas por Simões Lopes Neto neste conto como desconstrução da imagem do gaúcho construída por ele nos demais contos da obra. Em oposição ao homem destemido, corajoso, viril e senhor de seu destino temos estes homens de *Chasque do Imperador*: desde o próprio Blau, absolutamente servil ao Imperador, encilhando-lhe o cavalo, dormindo atravessado na porta de seu quarto, carregando seus papéis e armas; até os demais personagens, a seu modo, todos prostrados à disposição de seu grande líder.

Simões Lopes destaca uma característica essencialmente humana destes sujeitos, que os revela dignos no dever de servir. Em tempos de guerra, a hierarquia é respeitada e este respeito à autoridade não é questão de submissão e vergonha, mas sim de orgulho. Para estes, ocupar um posto militar é uma condição de prova, uma oportunidade de demonstrar as qualidades do homem pampeano: a lealdade, a honra, a valentia. É uma oportunidade, também, de provar ao outro (o que vem de fora) o valor do soldado gaúcho e de destacar-se entre os seus pelo posto que ocupa, pela confiança da qual se mostrou merecedor.

Neste conto, ao deixar de lado a representação imponente do gaúcho, João Simões Lopes Neto possibilita uma oportunidade de reflexão acerca do papeis sociais ao apresentar tanto a face de um Imperador capaz de se emocionar com a rudeza franca de seu povo, como a do gaúcho vaqueano, capaz de ter uma "estremeção por dentro" ao receber uma manifestação de reconhecimento de seu Imperador.

## REFERÊNCIAS

DACANAL, José Hildebrando (Org). **A Revolução Farroupilha: História & Interpretação**. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1985. (Série Documenta, 20).

DINIZ, Carlos F. Sica. **João Simões Lopes Neto: uma biografia**. Porto Alegre: AGE, 2003.

LOPES NETO, João Simões. **Obra Completa**. Organização de Paulo Bentancur. Porto Alegre: Editora Sulina; JÁ Editores, 2003.

ORLÉANS, Gastão de (Conde d'Eu). *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981.

PESAVENTO, Sandra Jahaty. **História do Rio Grande do Sul**. 8. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997. (Série revisão, 1)

SCHLEE, Aldyr Garcia. **Vocabulário de João Simões Lopes Neto**. Bauru, SP: Canal6, 2009.

— Como é agradável esta rudeza tão franca !

Numa cidade onde pouzamos, o imperador foi hospedado em casa dum fulano, snjeito pezado, porem mui gãuchão.

Quando foi hora do almoço, na meza só havia doces e doces... e nada mais. O imperador, por cerimonia provou alguns; a comitiva arriou aquelles serros assucarados. Quando foi o jantar, a mesma couza: doces e mais doces!... Para não desgostar o homem, o imperador ainda serviu-se, mas pouco; e de noite, outra vez, chá e doces!

103 — O imperador, com toda a sua imperadorice, gurniu fome !

No outro dia, de manhã, o fulano foi saber como o hospede havia passado a noite e ao mesmo tempo acompanhava uma rica bandeija com chá e... doces...

Aí o imperador não pôde mais... estava enfarado !...

— Meu amigo, os doces são magnificos... mas eu agradecia-lhe muito si me arranjasse antes um feijãozinho... uma lasca de carne...

O homem ficou serio... e depois largou uma rizada:

— Que! Pois vossa majestade come carne?! Disseram-me que as pessoas reaes só se tratavam a bicos de rouxinoes e doces e pasteizinhos!... Porque não disse antes, senhor? Com trezentos diabos!... Ora esta!...

Vamos já á um churrasco... que eu, tambem, não aguento estas porquérias !...

.....

## OS CABELOS DA CHINA

O conto Os Cabelos da China foi publicado no jornal Diário Popular, de Pelotas, em 21 de abril de 1912. Meses depois, mais precisamente em setembro, apareceria no livro Contos Gauchescos (Echenique & Cia., 1912). Na transposição para o volume impresso, o autor fez ligeiras modificações, na maior parte correções tipográficas. Anoto algumas diferenças.

Já no início, foi suprimido o pronome pessoal na frase: “Verdade que fui inocente no caso”, quando no jornal foi registrado “Verdade que eu fui...”.

No livro, foi corrigido para “Mangangá” o vocábulo que estava mal grafado no jornal como “Mangagá”, na frase: “Mangangá de ferrão brabo”. A palavra “mangangá”, no glossário de Aurélio Buarque de Hollanda, da edição crítica de “Contos Gauchescos e Lendas do Sul”, figura com a designação de grande abelha de corpo grosso e peludo, cuja picada provoca dor violenta.

Em duas passagens do conto o autor substituiu “saias”, que havia utilizado na edição do jornal, por “anáguas” (Simões Lopes, na ortografia da época, registrou “anagoas”)

e ainda suprimiu uma palavra. No jornal: “barulhando as saias engomadas”; no livro: “barulhando anáguas”, eliminando o vocábulo engomadas. Em outro trecho do jornal: “arrepanhou as saias”; no livro: “arrepanhou as anáguas”.

Na página do Diário Popular constou a seguinte frase: “E foi-se à panela, mirou-a, apertando os olhos por causa da fumaça e do mormaço do brazido”. No livro: “E foi-se à panela, mirou-a, apertando os olhos pr’o via da fumaça e do mormaço do brazido”.

No jornal, há um “gritoume” sem o hífen, corrigido no livro para “gritou-me”, com hífen. E ainda no livro, substituiu-se mal “entrevero” (que estava no jornal) por “entreveiro”, o que veio a ser corrigido na edição crítica de 1949 e nas que lhe seguiu. Entrevero é platinismo que significa “mistura, confusão de pessoas, animais ou coisas. E nos combates, diz-se que há entreveros quando os diversos beligerantes, no ardor da luta, se confundem, se misturam, sem obedecer ao comando, num verdadeiro corpo-a-corpo” (Glossário de Aurélio).

A edição do livro de contos corrigiu a grafia editada em jornal como “picando os olhos”, para “piscando os olhos”. E por fim há o registro “atirar-lhe pr’a a cova”, substituído na primeira edição em livro por “atirar-lhe para a cova”.

## Os cabelos da china

— Vancê sabe que eu tive e me servi muito tempo dum buçalete e cabresto feitos de cabelo de mulher?... Verdade que fui inocente no cazo.

Mais tarde soube que a dona delle morreu; soube, galopeei até onde ella estava sendo velada; acompanhei o enterro... e quando botaram a defunta na cova, então atirei lá p'ra dentro aquellas peças, feitas do cabelo della, cortado quando ella era moça e tafulona... Tirei um pezo de cima do peito: entreguei á criatura o que Deus lhe tinha dado.

Eu conto como foi.

Quem me ensinou a courear uma egua, a preceito, estaquear um couro, cortar, lonquear, amaciar de mordaca, o quanto, quanto...; e depois tirar os tentos, desde mais largos até os fininhos, como cerda de porco, e menos; quem me ensinou a trançar, foi um tal Juca Picumã, um chirú já madurazio, e que tinha mãos de anjo para trabalhos de guasqueiro, desde fazer um sovêtu campeiro até o mais fino preparo para um recão de luxo, mestraço, que era, em armar qualquer rozeta, bombas, botões e tranças de mil feitios.

Este indio Juca era homem de passar uma noite inteira comendo carne e mateando, com tanto que estivesse acoc'rado em cima quazi dos tições, curtindo-se na fumaça quente... Era até por cauza desta catinga que chamavam-lhe — picumã.

P'ra mais nada prestava; andava sempre esmolambado, com uns caraminguás mui tristes; e nem se lavava,

o desgraçado, pois tinha cascão grosso no cogote.

Comia como um chimarrão, dormia como um lagarto; valente como que... e ginete, então, nem se fala!...

Para montar, isso sim!... fosse potro crú ou qualquer aporreado, caborteiro ou velhaco — o diabo, que fosse! —, elle enfrenava e bancava-se em cima, quieto como vancê ou eu, sentados num toco de páu!... Podia o bagual esconder a cabeça, berrar, despedaçar-se em corcóvos, que o chirú velho batia o isqueiro e acendia o pito, como qualquer dona acende a candeia em cima da meza! As vezes o ventana era traçoceiro e lá se vinha de lombo, boleando-se, ou acontecia planchar-se: o coronilha escorregava como um gato e mal que o sotreta batia a alcatra na terra ingrata, já lhe chuvia entre as orelhas o rabo de tatú, que era uma temeridade!...

Voltear o caboclo, isto é que não!

E bastante dinheiro ganhava; mas sempre despilhado, pobre como rato de igreja.

Um dia perguntei-lhe o que é que este fazia das balastracas e bolivianos, e meias doblas e até onças de ouro, que ganhava?...

Esteve muito tempo me olhando e depois respondeu, todo num prazer, como se tivesse um pedaço do céu encravado dentro do coração:

— Mando p'ra Roza... tudo! E é pouco, ainda!

— Que Roza é essa?

— E' a minha filha! Linda como os amores! Mas não é p'ra o bico de qualquer lombo sujo, como eu...

A conversa ficou por ai.

Passaram os anos. Eu ja tinha o meu bigodinho.

Rebentou a guerra dos Farrapos; eu me apresentei, de minha vontade; e com quem vou topar, de companheiro? Com o Juca Picumã.

Ultrapassadas as preliminares, necessárias para uma abordagem mais completa, vamos ao conto.

Começo pela transcrição de uma passagem de "João Simões Lopes- uma biografia" que publiquei em 2003.

Neste conto, Simões Lopes Neto cria, pela voz saudosa de Blau Nunes, o Juca Picumã, um Chiru já maduro dos tempos da guerra dos Farrapos. Trançador de mãos de anjo, arte em que ninguém lhe superava, Juca vivia e trabalhava por sua filha Rosa, "linda como os amores!". Juca Picumã "era homem de passar uma noite inteira comendo carne e mateando", acorocado em cima dos toques, "curtindo-se na fumaça quente".

Blau Nunes, narrador e protagonista, relata como ajudou este Juca Picumã a cumprir uma ordem de certo capitão do exército dos farrapilhas, louco de ciúmes, porque sua companheira tinha fugido com um comandante ruivo das forças inimigas que andavam por perto. Instruídos para se fazerem de desertores, conseguem entrar no acampamento. Logo desata-se um combate entre o grupo de farrapos do capitão enciumado e os legalistas acampados. Na confusão, o ruivo foge da emboscada e a mulher tenta seguir-lhe na fuga.

Juca Picumã se dá conta de que a trai-

dora do capitão era sua filha Rosa. Quando o oficial, cego de paixão e ciúmes, agarra-se na enorme trança de Rosa e tenta degolá-la, o Juca Picumã enfia a ponta do ferro no coração do agressor, que se agarrara à cabeleira da mulher. Juca, para desvencilhar a filha das mãos do capitão, corta a trança, "entre a mão do morto e a cabeça da viva". Tempos depois, Juca Picumã, ferido de morte, dá um presente a Blau Nunes. Um buçalete com cabresto, feito dos cabelos de Rosa.

"O Juca Picumã" – conforme sinopse de Sílvio Júlio – "ignorava que sua própria filha fosse a concubina disputada pelo seu chefe e pelo capitão governista. Ao ver, porém, que a ia degolar o apaixonado traído, de repente o mata, porque um grito profundo e misterioso lhe lembrou que o sangue da vítima era o seu sangue.

Afinal, a explicação do título:

O capitão revirou os olhos e deu um suspiro rouco... depois respirou forte, espirrou uma espumarada de sangue e afrouxou os joelhos... e logo caiu, pesado, com uma mão apertada, sem largar a faca, com a outra mão apertada, sem largar a trança.

E a china, assim presa, rodou por cima dele, lambuzando-se na sangueira que golphava pelo rasgão do talho, que bufava na res-

Duma feita andavamos tocados de perto pelos caramurús... Tínhamos saído em piquete de descoberta e aconteceu que depois de vararmos um passo, os legalistas nos cortaram a retirada e vieram nos apertando sobre outra força companheira, como para comer-nos entre duas queixadas...

E não nos davam alce; mal bo-leavamos a perna para churrasquear um pedaço de carne e já os bichos nos caíam em cima...

Na guerra a gente ás vezes se vê nestas embretadas, mesmo sendo o mais forte, como eramos nós, que bem podíamos até correr a pelego aquelles camêlos... mas sam couzas que os chefes é que sabem e mandam que se as agunte, porque é serviço...

Ora bem; havia já dois dias e duas noites que vivíamos neste apuro; ar-rinconados nalgum campestre dava-se um verdeio aos cavalos; os homens cochilavam em pé; nisto um bombeiro assobiava, outro respondia e o capitão, em voz baixa e rápida, mandava.

— Monta, gente!

E o Juca Picumã, que era o vaqueano, tomava a ponta e metia-nos por aquella enredada de galhos e cipós, e lá iamos, mato dentro, roçando nos páus, afastando os espinhos e batendo a mosquitada, que nos carneava... Ninguém falava, A rapaziada era de dar e tomar, e — sem desfazer em vancê, que está presente —, eu era do fandango... e devo dizer, que nesse tempo, fui mondongo meio duro de pelar...

Dessa vereda o vaqueano foi pendendo para a esquerda; de repente batemos na barranca do arroio, e elle, sem dizer palavra meteu nagua o cavallo e, devagarzinho fomos encordando de atraz e varando, de bola-pé.

Seguimos um pedaço, sempre sobre a esquerda, e mui adeante tornamos a varar o arroio para o lado que tínhamos deixado. Tínhamos feito uma marcha em roda, que iamos agora fechar saindo na retaguarda do acampamento dos legalistas.

Num campestreinho paramos; o capitão mandou apeiar, redea na mão, tudo pronto ao primeiro grito.

Depois acolherou-se com o Juca Picumã e meteram-se no mato e ai boquejaram um tempão. Depois voltaram.

Então o capitão correu os olhos pelos rapazes e disse:

— Precizo de um, que toque viola...

Mas o Picumã chereteou logo:

— Tem ai esse piza flores, o forriél Blau !...

— Esse gurizote ?...

— Sim, senhor, esse; é cruza de calombo !...

E deu de redea, com cara de sono. O capitão acompanhou-o, mandando que eu seguisse; e eu segui-o, quente de raiva, pelo pouco cazo com que elle chamou-me — gurizote — Si não fosse pelas divizas, eu dava-lhe o — gurizote !...

Fomos andando... parando... farejando... escutando... Em certa altura o Picumã, sem se voltar levantou o braço, de mão aberta e parou. O capitão parou, e eu.

O chirú disse, baixo:

— Está perto... ali !... E o chur-rasco é gordo !...

E levantava e mechia o nariz, tal e qual como um cachorro, rastreando...

E apeamos.

— Vamos botar um torniquete nos cavalos, para não relincharem...

Fizemos, com o fiel do rebenque.

— Tiramos as esporas, por cauza dalguma enredica... Tiramos.

— Bom; agora o capitão diz como ha de ser o serviço...

piração do morrente..." (Estudos gauchescos de literatura e folclore, 1953, p.180).

Quem quer que leia o conto **Os cabelos da china** vai encontrar o autor na sua plena maturidade criativa, a demonstrar amplo domínio sobre a arte das histórias curtas. Não é por bajulação que Sílvio Júlio, crítico causticante de certos exageros estilísticos de Simões Lopes Neto e da excessiva carga que usou dos termos locais, disse que **Os cabelos da china** é um conto formidável. "*Causa arrepios. Assusta*". Não deixou de sublinhar que o escritor "*estica*", na sua narrativa, e desnecessariamente, "*situações acessórias*", abusando de "*conversar fiado*". Elogia a inspiração telúrica, primitiva, a brutalidade do sangue e da morte, de "*vocação realista à francesa*." Não se omitiu de dizer, destarte, que bastariam dois contos de violência zolaniana – *No manantial* e *Os cabelos da china* – para garantir a fama de Simões Lopes Neto no Brasil e nas Américas.

Em mais recentes reflexões, concluo que Sílvio Júlio foi, se não o melhor, certamente um dos melhores leitores deste conto. Não estou aqui para falar do intelectual pernambucano que se arranchou por bom tempo no nosso Rio Grande do Sul. Não é ocasião para defendê-lo das acusações malévolas de que foi vítima. Seu temperamento franco e o desassombrado estilo de fustigar

as teses opostas, conduziram ao desespero verbal certos autores que não suportavam sua má vontade em relação à colonização portuguesa e a valorização excessiva que atribuía à cultura espanhola e ameríndia na América.

Deu-nos, contudo, inestimável contribuição lingüística, plenamente aplicável às expressões típicas do nosso homem da campanha, suas entonações e seu modo de falar "*meio brasileiro, meio platino, um tanto luso, um tanto castelhano*". Valorizou as criações literárias daqueles escritores que considera os três maiores da nossa gauchesca: Simões Lopes Neto, Alcides Maya e Roque Callage. E disse que "*Simões Lopes Neto, que morreu antes de ver o seu nome consagrado de norte a sul de nossa pátria, será porvindouramente incluído em antologias, analisado com justiça, posto à altura dos melhores contistas das Américas: um Jack London, um Hernández Catá, um Blanco Fombona, um Javier de Viana, um Tomás Carrasquilla...*".

Como estava certo o polêmico intelectual pernambucano!

É de notável simplicidade a sua teoria da assimilação hispânica e ameríndia, presente no linguajar gauchesco, pelos primitivos povoadores continentinos, lembrando-nos que, tendo sido o Rio Grande o último território a se incorporar ao Brasil continen-

O oficial encruzou os braços e assim esteve um pedaço, alinhavando a ideia ; depois, como falando mais p'ra mim do que p'ra o outro, disse:

— Olha, forriel Blau, tu e o velho Picumã vam jogar o pelego numa arriscada... Elle que te escolheu p'ra companheiro é porque sabe que és homem... Ha dois dias, como sabes, andamos nestes matos... mas não é tanto pelo serviço militar, é mais por um vareio que quero dar... por minha conta... Ouve. A minha china fujiu-me, seduzida pelo comandante desta força... Vocês vam-se apresentar a elle, como dezertados e que se querem passar... Elle é um espalha brazas ; ella é dansadeira... ; arranja geito de rufar numa viola e abre o peito numas cantigas... Tendo farra estam elles como querem... E enquanto estiverem descuidados, eu caio-lhes em cima com a nossa gente. Agora... quando fechar o entreveiro só quero que tú te botes ao comandante... e que lhe passes os maneadores... quero-o amarrado... ; entendes ? E's capaz ?... O Picumã ajuda... O resto... depois...

— Mas... não é p'ra defuntear o homem... amarrado ?...

— Não ! Acoquinal-o, só...

— A tal piguancha, tambem... não é p'ra... lonquear ?...

— Não ! Desfeiteal-a, só...

— Então, vou. Mas quem fala é o Picumã... ; eu, nem mentindo digo que sou dezertor...

— Estás te fazendo muito de manto de seda !... Cu dado !...

— Seu capitão é oficial... nada pega... ; eu sou um pobre soldado que qualquer pode mandar junjir nas estacas...

Aí o Picumã meteu a colher.

— Seu capitão, o mocito não é sonso, não ! Deixe estar, patrãozinho,

tudo é comigo... vancê só tem é que atar o gajino...

Depois os dois se abriram e ainda estiveram de cochicho, rematando as suas tramas.

O capitão montou.

— Bueno !... Vejam o que fazem; eu vou buscar a gente, e, conforme chegar, carrego. Vocês devem-se arrinconar junto da carreta, para eu saber. Blau !... não cochiles : o ruivo não é trigo limpo !...

E dezandou por entre as arvores.

Quando não se ouviu mais nada o chirú convidou.

— Vamos : nos apresentamos como passados, que já andamos entocados aqui a uns quantos dias. Deixe estar, que eu falo... estes caramurus sam uns bolas... Vai ver como passamos o buçal... logo nos aceitam ! Vamos ! Ah ! meta dentro da camiza uma cana de redea... é para a manea do homem... Os companheiros depois nos levam os mancarrões, a cabresto...

E metemos a cabeça no mato, elle adiante, á rumo do cheiro, dizia.

Andamos mais de seis quadras ; nisto, o chirú pegou a cantar umas coplas, devagar, meio baixo, como quem anda muito descansado, de proposito para ir chamando o ouvido de algum bombeiro, si houvesse...

Ora... dito e feito ! Com duas quadras mais, um vulto junto duma caneleira murruda, gritou, no sombreado das ramas :

— andavam hontem por aqui... foram corridos...

— Ahn ! Pois passem...

— Sim... Pois é... foram-se á ramada do Guedes... Com um couro na cola, os trompetas !... Tem aí cavallhada de refresco ?

— Que nada ! A reúnada está estranzilhada... A gente a custo se mechia...

E p'ra mal dos pecados ainda o comandante traz uma china milon-

tal, não antes do Século XVIII, o linguajar que falaram os nossos ancestrais gaúchos não absorveu arcaísmos portugueses. Daí resulta serem falsas as explicações lingüísticas, por exemplo, de um Walter Spalding, que na sua xenofobia ao colonizador espanhol das Américas, enxergava raízes arcaicas portuguesas em típicas expressões platinas e ameríndias, muitas destas absorvidas pelo idioma de Cervantes e depois adotadas pelos primitivos habitantes das nossas fronteiras sulinas.

A partir das análises filológicas do professor Sílvio Júlio, apoiada em forte e extensa bibliografia, e de outros filólogos é que irei citar alguns vocábulos, de notória raiz platinista, ou ameríndia, presentes no conto "Os Cabelos da China".

Começemos com "ginete", que Simões Lopes emprega, neste conto, com o sentido de cavaleiro. Interessante notar que este vocábulo tem duas acepções. No português antigo,

arcaico, ginete era cavalo. No linguajar sul-rio-grandense ao cavaleiro chamamos ginete, não ao cavalo. Qual a razão? Parece claro que se trata de hispanismo, não de arcaísmo português para o desespero dos adeptos do "walter-spaldinguismo etimológico", conforme as palavras de Sílvio Júlio.

Tratemos do vocábulo *china* que

dá nome ao conto. China é mulher morena, indiática. Foi a palavra registrada como platinismo por Aldyr Garcia Schlee, no Glossário da sua edição crítica dos Contos Gauchescos e Lendas do Sul, 2006, vol. II. Aurélio Buarque de Hollanda não foi à raiz platinista, ao dar-lhe o significado de mulher com "aspecto semelhante ao das chinas" (Glossário, edição crítica de 1949), no que ensejou a crítica mordaz de Sílvio Júlio que anoto: "O substantivo comum china, popular no Rio Grande do Sul, na Argentina, no Uruguai, nada tem a ver com chinesa nem com a China, terra tradicional da Ásia onde nascem os chineses". Vai além o pernambucano. Ensina-nos que china tem raiz quéchua, absorvida pelos colonizadores espanhóis que adotou a palavra amerígena.

Assim, também, com *tata* (papai é o significado), bem usado por Simões Lopes nas frases de Rosa: - *O tata! O tata!... - Me largue, tata!...* É ainda Sílvio Júlio que nos leva à raiz. Voz amerígena de origem quéchua: *tata, tatai*, que os espanhóis encontraram no Peru, acabou espalhada pelos pampas da Argentina e viajou até o Uruguai e o Rio Grande do Sul.

O conto é riquíssimo em vocábulos e expressões populares no pampa e desconhecidas nas outras regiões do Brasil. Vozes e locuções recebidas da América Espanhola,

gueira, numa carreta toldada, que só serve p'ra atrapalhar a marcha... A china é lindaça... mas é o mesmo... sempre é um estorvo !...

Aqui o Picumã se acoc'rou, tirou uma ponta de traz da orelha e pediu-me.

— Dá cá os avios parceiro...

E bateu fogo. Reparei que a respiração do chirú estava a modo entupida... Mas pegou outra vez:

— E'... o Marcos disse-me que o comandante é mui rufião...

— E' mesmo ; mal empregada, a cabocla ; qualquer dia elle metelhe os pés... é o costume... Ora !...

— E'... assim, é pena... Vamos, parceiro. Até logo. Como é a sua graça !

— João Antonio, seu criado...

E a sua, inda que mal pergunte?

— Juca, patricio... Juca no mais...

116 Quando render, espero a sua pessoa para um amargo !...

— 'Stá feito !... Vá em paz !...

E outra vez nos mechemos, agora sobre o acampamento dos legaes. Começamos a ouvir o falaráz dos homens, assobios, rizadas, picamento de lenha, uma rusga de cachorros

Mais umas braças. Chegamos. No meio do campestre uma fogueira grande, rodeada de espetos onde o churrasco chiava, pingando o fartúm da gordura ; nas brazas, umas quantas chocolateiras, fervendo ; armas dependuradas, botas, secando, japons abertas, e ponchos, nos galhos. Deitados nos pelegos, nas caronas, muitos soldados resonavam ; outros, em mangas de camisa, pitavam, matavam.

Do lado da sombra uma carreta toldada. Num fuceiro, pendurado, um porongo murrudo, tapado com um sabugo ; vestidos de mulher, arejando, diziam logo o que aquillo era. Perti-

nho, outro fogão, tambem com churrasco, uma chaleira aqueitando e uma panela cozinhando algum fervido... Uma fumaça mui azul, cerrava tudo, alastrando-se na calmaria da resolana.

117 Dois cavalos á sogá, e um outro, bem aperado, maneado, pastando.

118 Mal que dezembocamos do mato vimos tudo... e tudo com geito de acampamento relachado.

O chirú foi andando como cancheiro, e eu, na cola delle. Nisto um sujeito, deitado nos arreios, gritou-nos:

— Chê ! Aspa torta ! Então isto aqui é quartei de farrapos ?... não se dá satisfações a ninguem ?...

— Foi o Marcos, que nos maldou...

— Que Marcos ?

— O Marcos, que está de sentinela... e o João Antonio... sim, senhor, para falar com o comandante...

— Isso é outro cazo... O comandante está sesteando... Si quizerem, esperem ali, junto da carreta. Já comeram ?

— Já, sim senhor.

— Pois então !... Vam !

E apontou.

Arrolhamo-nos na sombra da carreta, junto da roda, encostando a cabeça na massa. Eu estava como em cima de brazas... não era pr'a menos...

Cuna !... Si descobrissem, nos carneavam, vivos !...

119 O Picumã cochilava... mas estava alerta, porque ás vezes eu bem via fuzilar o branco dos olhos, na racha das palpebras, entre o sombreado das pestanas...

A milicada começou a retirar os churrascos, já prontos e foi-se arranchando em grupos, para comer.

Nisto, por cima de nós, dentro da carreta, ouvimos falar, e depois uma rizada moça, e logo uma mulher deceu, barulhando anagoas.

O chirú, que estava com os bra-

registradas como platinismos (espanholismos rio-platenses) no Glossário de Aldyr Schlee, a que já nos referimos. Já Aurélio Buarque de Hollanda, que também as define no seu Glossário, nem sempre registra a raiz hispânica, o que gerou a crítica feroz de Sílvio Júlio, que viu na omissão uma condescendência do mestre alagoano para com os lusófilos, aos quais certamente não queria desagradar.

*Buçalete* (peça de arreio feita de couro, espécie de buçal): platinismo "bozalejo"; *lonquear* (tirar o couro), platinismo "lonjjar"; *chiru* (pessoa morena com traços indígenas), platinismo "chiruzo"; *sovéu* (laço forte e curto), platinismo "sobeo"; *cogote* (pescoço); *coronilha* (árvore campeira resistente, usando-se o vocábulo para designar pessoa forte, valente), vem do espanhol "coronilla"; *de bolapé* é outro platinismo que vem de "a volapié" (a vau, atravessar o rio sem necessidade de nadar sempre); *acoquina-la*, de acoquinar (incomodar, amedrontar), também de origem hispânica, com igual grafia; *gagino* (galo cuja plumagem se assemelha à da galinha, homem de pouca importância), platinismo "gallino"; *mancarrões* (matungos, cavalos velhos de montaria) vem de "mancarrón", platinismo; *morruda* (alta, grande, comprida), platinismo de igual grafia; *reunada* (tropa de cavalos reunos, sem dono), vem de "rejuno", platinismo; *de agalhas* (forte, vistoso, admirável, ousado, plati-

nismo "agallas"; assim igualmente com as interjeições *cuna* (forma reduzida de *aicuna*), que procede, segundo Aurélio, do americanismo "aijuna", contração de "ah! Hijo de una!"; e *a la fresca* (designa espanto, surpresa), platinismo puro, como se diz e se escreve.

O conto "Os Cabelos da China" ultrapassa as raias do que se convencionou denominar regionalismo, pois nesta narrativa de Simões Lopes, impregnada com o gosto peculiar de "palavrar", está presente a perspectiva metafísica, que transfigura a campanha "numa arena abstrata onde o mal grassa, onde se joga o destino de homens e mulheres" (utilizei aqui, estabelecendo paradigma, uma frase de Walnice Nogueira Galvão, sobre o sertão, cenário das estórias de Guimarães Rosa). A sociedade em que se ambienta "Os Cabelos da China" é pastoril e guerreira, porém, não se limita o conto ao cunho documental, ou meramente pitoresco, em que se sobressai o exotismo, característica do regionalismo. Destaca-se o aspecto universal da narrativa, em que se impõe a verdade social e psicológica dos entrecos e das personagens, despertando no leitor entusiasmos, prazeres, espantos, emoções...

Não faltou quem afirmasse a influência dos naturalistas que encheram a literatura francesa de tragédias e degenerescências

ços encruzados por cima dos joelhos, quando sentiu a mulher, afundou a cabeça p'ra deante, escondendo a cara... e o chapéu ainda ficou emprensado entre a testa e a curva do braço... Então passou pela nossa frente a cabocla... viu um como dormido e o outro, que era eu, mui derreado e bocó... E foi-se á panela, mirou-a, apertando os olhos p'ro v'ia da fumaça e do mormaço do brazido.

Por Deus e um patação !...

Era um chinocão de agalhas !... Seiáda, enquartada, de boas cores, olhos terneiros... e com um trança macota, ondeada, negra, lustroza, que caía meio desfeita, pelas costas, até o garrão !...

119 — Porque seria que este diabo largou o meu capitão, para se acolherar com este tal ruivo ?...

— Isto de chinas e gatos... quem animar sai arranhado... Talvez por este ser ruivo... talvez por farromeiro... por cauza dalgum cavallo que ella gabou e elle regalou-lhe... e até... até por enfarada do outro... Ora vam lá saber !...

Nisto a piguaneha alçou a panela e voltou p'ra carreta.

O chirú então, com a cara de lado, soprou-me de leve :

— Ella não se harpistou quando me viu ?...

— Não... nem nos benzeu com um olhado... E' uma cabocla enfestada !...

— Cale a boca... Apronte-se que o fandango não tarda.

— Eu preferia bailar com a morena...

— Aquelles dois do mate convidado não vem mais...

— Os sentinelas ?

— Sim ; com certeza o capitão enchugou-os... Está me palpitando que a gente está dezabando ai...

Palavras não eram ditas, que saiu do mato um milico, pondo a alma pela boca, e balançando, de cansaço e medo, mascou a nova :

120 — Os farrapos ! Os farrapos ! Mataram o João Antonio !...

Estrondeou um tiro... zuniu uma bala... um legal virou, pataleando.

E pipoqueou a fuzilaria em cima da camelada !

Eu, pulei logo para o recavem da carreta, para me botar ao ruivo ; mas antes de chegar já elle tinha decidido... e se foi ao cavallo, que montou de pulo e mesmo sem frejo e maneado, tapeando-o no mais, tocou picada fóra.

E berrou á gente :

— P'ra o rincão ! P'ra o rincão !

E com a folha da espada tocou o flete, que pelo visto era mestre naquellas arrancadas.

Mesmo assim eu ia ver se seguava o homem, mais o chirú gritou-me :

— Deixe ! Deixe ! Agora é tarde !...

Naturalmente de dentro da carreta a china viu o entreveiro, e que o negocio estava mal parado ; e pulou p'ra fora, p'ra disparar e ganhar o mato. Mas quando pizou o pé em terra, a mão do Juca Picumã fechou-lhe o braço, como uma garra de tamandúá...

121 A cabocla não estava tão perdida de susto, porque ainda deu um safanão forte e gritou, braba.

— Larga, desgraçado !...

E olhou, entonada... mas conheceu o chirú e ficou abichornada, pateta...

— O táta ! O táta !...

— Cachorra !... Laço, é o que tu mereces !...

— Me largue, táta !...

— Primeiro hei de cair-te de re-lho... p'ra não seres a vergonha da minha cara...

(v. Silvío Júlio). Simões Lopes foi mestre ao traçar suas tragédias horripilantes e, na ótica de Silvío Júlio, menos mestre ao traçar figuras meigas. No conto, como é recorrente em Simões, a mulher desencadeia o desfecho brutal.

À luz do direito, e enquadrando-se à perfeição na ética irreprimível do nosso rapsodo bárbaro, o homicídio tem a excludente clara da legítima defesa de terceiro - no caso a defesa da vida da filha, prestes a ser degolada -, amplamente amparada no direito penal e certamente explica que a estocada mortal, obra de Picumã, nenhum remorso lhe trouxe. Chegou a cuspir no defunto! O direito e a boa razão amparavam Juca Picumã. Na sua simplicidade e conhecimento empírico ele sabia, porque sabia, que este desfecho brutal não violou o rigoroso código de ética do gaúcho da campanha. Defender a vida da filha, mais que um direito era um dever.

Na narrativa *El desafio*, Jorge Luis Borges conta um episódio vivido por um certo Wenceslao Suárez, um homem maduro, trançador e solitário como Juca Picumã, que perdeu a mão num duelo de facões e matou o seu desafeto com um certeiro golpe no ventre. Não há indício algum de que Borges tenha, algum dia, lido o conto de Simões Lopes, ou que o trançador Juca tivesse inspira-

do Borges a desenhar o trançador Wenceslao. Também não faltou quem se dispusesse a detectar um misterioso parentesco entre os dois escritores das planuras da América do Sul. Veríssimo de Mello ousou captar a identidade no clima de algumas histórias, na dramaticidade e em certas personagens, na apropriação de semelhante material folclórico. (Veríssimo de Melo, *Simões e Borges - talvez mais que vizinhança*. Letras e Livros, Correio do Povo, ano I, n.º 24, de 30.01.1982).

Indo mais a fundo, verifiquei recentemente, ao ler a tradução para o espanhol dos Contos Gauchescos, editada sob os auspícios da Embaixada do Brasil em Montevídeu, uma nota de rodapé indicando que *Os Cabelos da China* foi o primeiro entre os contos de Lopes Neto a ser traduzido no Uruguai, na Revista *Asir*, em 1953.

Cito um trecho pouco conhecido de autoria de André Bello (*História & livro e leitura*. Belo Horizonte, 2002): "Qualquer livro, em qualquer época, seja ele impresso ou manuscrito, traz em si, para além das marcas de um trabalho intelectual, marcas de práticas artesanais ou industriais, marcas de uma relação com o poder ou com outros indivíduos, marcas de um produto destinado a ser vendido ou trocado, marcas do estatuto social dos seus autores, marcas da relação do texto com o leitor, marcas de um uso da língua ...

Neste instante, fulo de raiva, o nosso capitão manoteou-a pelo outro braço.

— Ah ! menceê... perdão !... Nunca mais !... Eu... Eu...

— Eu é que vou dar-te sestas com o ruivo, guincha desgraçada !

E furiozo, piscando os olhos, com as veias da testa inchadas, largou o braço da morena mas agarrou-lhe os cabelos, a trança quasi desmanchada, fechando na mão duas voltas ; agarrou curto, entre os hombros, pertinho da nuca... e puxou p'ra traz a cabeça da cabocla..., com a outra mão pelou a faca, afiada, faiscando e proeu-  
122 — rrou o pescoço da falsa...

— Chegou a riscar... riscar, só, porque o chirú velho, o Juca Picumã, foi mais ligeiro : mandou-lhe o facão, de ponta, bandeando-o de lado a lado, pela altura do coração !...

— Isso não !... é minha filha ! disse.

O capitão revirou os olhos e deu um suspiro rouco... depois respirou forte, espirrou uma espumarada de sangue e afrouxou os joelhos... e logo caiu, pezado, com uma mão apertada, sem largar a faca, com a outra mão apertada, sem largar a trança...

E a china, assim preza, rodou por cima dello, lambuzando-se na sangueira que golfava pelo rasgão do talho, que bufava na respiração do morrente...

Vendo isso, o Picumã quiz soltar a piguancha e forçou abrir a mão do capitão : qual ! era um torniquete de ferro ; tironeou... nada ! Então, sem perder tempo, com o mesmo facão matador cortou a trança, rente, entre a mão do morto e a cabeça da viva... Foi—ra... raaac ! — e a china viu-se solta, nas sura da trança, tozada, tosquiada, como egua chucra que se

123 — cerdeia a talhos brutos, ponta abaixo, ponta acima...

E mal que sentiu-se livre sacudiu a cabeça, azonzada, relanceou os olhos assombrados, arrepanhou as anagoas e disparou mato dentro, como uma anta...

— Cachorra !... vai-te !... ruiju o chirú, limpando o ferro na manga da japona. E olhando o corpo do capitão, cuspiu-lhe em cima, resmungando :

— Pois é... seduzia... e agora queria degolar... E mui triste, pr'a mim :

— Vancê vai dar parte de mim ?

— Esta é a Roza, a tua filha ?

— Sim, senhor, que eu criei com tanto zelo !...

E mais não podemos dizer, porque o entreveiro rondou para o nosso lado... e tivemos que fazer pela vida !... No meio do berzabum o Picumã ainda achou geito de atirar uns quantos tições p'ra dentro da carreta... e daí a pouco o fogo lavorava forte naquelle ninho de amores... A la fresca !... que ninho !...

Alguem gritou : o capitão 'stá morto !... Vamos embora !...

Um de a cavallo atravessou-o no lombilho e fomos retirando, tiroteando sempre.

124 — Mas a trança não ia mais na mão do morto.

Passaram-se uns tres mezes largos : em muita correria andamos, surpresas, tiroteios, combates serios.

Um dia um estancieiro regalou-me um pingo tordilho, pequenitate, mas mui mimozo. Quando eu ia sentar-lhe as garras, appareceu-me o Picumã, sempre esfrangalhado e com cara de sono e disse-me, dezembrulhando um pano sujo :

— Vim trazer-lhe um presente ; é um trançado feito por mim ; e ha de ficar mui bem no tordilho, porque é preto...

*Tudo o que está no livro, em qualquer livro, nos reenvia para fora dele".*

"Os Cabelos da China", integrante dos Contos Gauchescos, objeto discursivo dessa palestra obrigou-me a sair fora do texto para tentar conhecer o contexto em que foi elaborado e melhor compreendê-lo, as condições e os processos intelectuais de seu autor, interferentes na sua sua visão de mundo. Foi o que tentei fazer dentro das minhas limitações.

Carlos Francisco Sica Diniz

E ajeitou na cabeça do cavalo um buçalete e cabresto preto, de cabelo, trançado na perfeição. Nunca passou-me pela ideia couza nenhuma a respeito...

O meu esquadrão marchou para a fronteira ; depois andamos de Herodes para Pilatos, até que no combate das Tunas... fomos topar com os antigos companheiros de divizão. Brigamos muito, nesse dia. Aí ganhei as minhas batatas de sarjento.

Não sei como elle soube, mas de noute um fulano procurou-me dizendo que o soldado Juca Picumã, um chirú velho, que estava muito ferido, pedia para eu não deixal-o morrer sem vel-o.

Lá fui. Estava o chirú deitado nas caronas e todo reatado de panos, pela cabeça, nas costelas, nas pernas.

O coitado gemia surdo, de boca fechada ; e as vezes cuspiam preto...

Quando me viu, á luz de uma candea de barro fresco, quiz mecher os ossos e não pôde...

— Então, Picumã... homem afloxa o garrão ?...

E elle falou tremendo na voz :

— Es'ou... como um crivo.. Eram oito... em cima... de mim... só pude... estrompar... cinco !.. Vancê... ainda... tem... aquelle buçalete ?..

— Tenho sim ; meio estragado, mas tu ainda has de compol-o não é ?..

— Não... eu queria... eu queria... lhe... lhe pedir... elle, outra vez... p'ra... p'ra mim..

— Pois sim, dou-te ! Amanhã trago-te.

— E' do... do cabelo da Roza.. a trança... lembra-se ?..

Levantei-me, como si levasse um pregaço no costilhar... O buçalete era feito do cabelo da china ? !.. E aquelle chirú de alma crúa.. E quando fir-

mei a vista no indio, elle arregalou os olhos, teve uma ronqueira garga-lejada e finon-se, nuns esticões..

Nessa mesma madrugada fui mandado num piquete de reconhecimento, de forma que não soube onde nem como foi enterrado o Picumã, porque o meu desejo era atirar-lhe p'ra cova aquelle prezente agourento...

Agourento... agourento não digo, porque afinal enquanto uzei aquelle buçalete nunca fui ferido... e ganhei de uma a quatro divizas..

Tem é que dobrei a prenda, reatei-a com um tento e soquei-a p'r'o fundo da maleta, até ver..

Até que um dia, como lhe disse, soube que a Roza morreu e então... ah !.. já lhe disse tambem : atirei para a cova da china os cabelos daquela trança... doutro geito, é verdade... mas sempre os mesmôs !..

## MELANCIA – COCO VERDE

reafirmação da identidade gaúcha e suas intertextualidades

Tenho o prazer de apresentar o conto **Melancia – Coco verde** no Seminário do Centenário dos Contos Gauchescos. Escolhi esse texto por três motivos: a proximidade da data com o "dia dos namorados"<sup>1</sup>, o fato desse conto ter uma particularidade incomum na obra simoniana: "o final feliz", e a presença do personagem Reduzo, um índio que representa sua etnia e sua inserção dentro da sociedade gaúcha no início do século XIX.

O texto inicia com a apresentação do narrador acerca do personagem Reduzo, contando que desde criança o índio convivera com o patrãozinho Costinha. Aprenderam juntos a brincar, fazer armadilhas para pequenos animais, comer frutas nativas, tomar banho de sanga, e campeirear, domar e capar. Mais tarde, ambos foram a uma das inúmeras "gangolinas"<sup>2</sup> com os castelhanos a fim de preservar nossas fronteiras.

O octogenário narrador, o tropeiro Blau Nunes, conta com entusiasmo juvenil uma "alarifagem"<sup>3</sup> em que estiveram metidos os dois amigos, envolvendo uma conquista amo-

rosa do patrãozinho com a filha de um estancieiro vizinho, a formosa Sinhá Talapa, a qual estava prometida em casamento a um primo português.

A fim de aumentar as qualidades do gaúcho Costinha, o narrador vai apresentar uma série de adjetivos pejorativos ao seu rival, do qual sequer sabemos o nome, uma vez que ele é tratado apenas por "ilhéu", designando o seu lugar de origem, e portanto, configurando-se como não-gaúcho, ou seja, um "estrangeiro".

Observamos as palavras de Blau Nunes:

Esse tal era um ilhéu, mui comedor de verduras, e que para montar a cavalo havia de ser em petição<sup>4</sup> e isso mesmo o petição havia de ser podre de manso... e até maceta<sup>5</sup>... e nambi<sup>6</sup>... e porongudo<sup>7</sup>! (...) O ilhéu vinha às vezes à estância do tio, em carretinha... veja vancê como ele era ordinário, que nem se avexava de aparecer de carretinha diante da moça! (LOPES NETO, 1998, p.76-77).

Como podemos perceber, o rapaz é ridicularizado por desconhecer uma das mais sagradas práticas do gaúcho: o manuseio com o cavalo. O narrador considera vergonhoso, ultrajante e até mesmo uma falha terrível de caráter o "ilhéu" ir visitar a namorada utilizando

# Melancia

## Coco verde

— Vancê pare um bocadinho ; componha os seus arreios, que a sincha está muito p'ra verilha. E vá pitando um cigarro enquanto eu dou dois dedos de proza áquelle andante... que me parece que estou conhecendo... e conheço mesmo !... E' o indio Reduzo, que foi posteiro dos Costas, na estancia do Ibicui.

.....  
.....  
.....

— Vancê desculpe a demora : mas quando se encontra um conhecido do outro tempo—e então do tópe deste! —a gente até sente uma frescura na alma !... Coitado, está meio acalanhado... mas, bonzão, ainda !

128 [ Pois aquelle cuêrudo que vancê está vendo, teve grito d'armas !... Vou contar-lhe uma alarifajem em que elle andou metido, e que só depois se soube, pelo mífido, e isso mesmo porque a propria gente do cazo é que contava.

O Reduzo foi nacido e criado em caza dos Costas, ainda no tempo do velho, o Costa lunanco, um que foi alferes dos dragões do Rio Pardo. Este Costa lunanco era um pente fino, que naquelle tempo arranjou tirar para elle e para os filhos — miudagem, ainda—como quatro sesmarias de campo, sobre o Ibicui, pegadas umas nas outras, e com umas divizas largas... como goéla de gringo !...

O chirú criou-se junto com os meninos, e desde ninhar e armar urupucas, até botar as vacas, irem aos araçás e pegar mulitas, tudo faziam juntos.

Quando eram já taluditos o velho começou a encostal-os no serviço, tambem sempre de companheiros ; e assim foram aprendendo a campeirear, domando, capando... até saberem apartar boi gordo e tocar uma tropa.

Neste entrementes rebentou outra vez uma gangolina com os castelhanos.

129 [ Um dos moços, que era um quebra largado, nomeado por Costinha, esse, foi dos primeiros a se apresentar ao comandante das armas, p'ra servir. E taes cantigas cantou ao velho Costa, que este deixou o Reduzo ir com elle, de companheiro e ordenança, porque o rapaz era cadete, com estrela, e tinha direito.

O chirú ficou todo ganjento ; imagine vancê que colhéra, daquelles dois aruás !...

Neste passo porem deu-se uma couza em que o Costinha nem tinha pensado.

E' rabo de saia, já se vê...

O cadete tinha uma paixão braba por uma moça lindaça — a sia Talapa —, filha dum tal Severo, tambem fazendeiro dali pertinho, obra de cinco leguas.

O moço Costinha de vez enquando aparecia por lá, matava as saudades ; fazia umas agachadas, e vinha se embora trazendo nos olhos o encantamento dos olhos da namorada.

O velho Severo parece que não queria o casamento dos dois, nem por nada ; teimava e berrava que ella havia de cazar-se era com o sobrinho delle, primo della, um que tinha uma caza de negocio na Vila.

130 [ Esse tal era um ilhéu, mui comedor de verduras, e que para montar a cavallo havia de ser em petição e isso mesmo o petição havia de ser padre de manso... e até maceta... e namibi... e porongado !...